



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

PALOMA MOTA BONFIM

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM SÃO FRANCISCO DO CONDE**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

PALOMA MOTA BONFIM

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM SÃO FRANCISCO DO CONDE**

Trabalho de Conclusão de Curso – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

B696i

Bonfim, Paloma Mota.

Os impactos da pandemia na alfabetização : uma experiência no Programa Residência Pedagógica em São Francisco do Conde / Paloma Mota Bonfim. - 2024.
54 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2024.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor.

1. COVID-19, Pandemia de, 2020-2023 - São Francisco do Conde (BA). 2. Ensino fundamental - São Francisco do Conde (BA). I. Programa Residência Pedagógica - Estudo de casos. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 372.412098142

PALOMA MOTA BONFIM

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM SÃO FRANCISCO DO CONDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 06/05/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Ana Rita de Cassia Santos Barbosa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este trabalho... não, melhor: dedico toda a minha trajetória neste curso à minha mãe. Nossa história de vida se entrelaça com a educação e eu devo isso à senhora. Sua persistência, dedicação e amor pelo que faz são minhas inspirações. Aqui é só mais uma etapa de um sonho. Agradeço por ser exemplo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser fiel e nunca me abandonar, por me deixar chegar até aqui e por ser meu guia nessa grande estrada que é a vida. Por me fortalecer nos momentos bons e ruins e por sempre pôr pessoas no meu caminho para me ajudar.

Em segundo lugar, agradeço a pessoa mais importante da minha vida: a minha mãe. A pessoa que nunca me abandonou, que sempre se esforçou para me criar sozinha e me dá uma boa educação. Seus esforços não foram em vão e eu tento sempre dar o melhor de mim para que nós duas possamos passar pelas adversidades da vida juntas. Sempre foi e sempre será nós duas por nós mesmas. Prometo sempre te honrar em tudo!

Agradeço também a toda a minha família: avós, tias e tios, primas e primos por sempre acreditarem em mim e me darem uma injeção de ânimo quando preciso. Obrigada por cada palavra e por entenderem as minhas faltas.

Aos meus colegas da Unilab que sempre me deram forças e me mostraram que era possível continuar. Por todas as conversas e trocas vivenciadas no dia a dia, por todas as parcerias em trabalhos e pelas palavras de carinho e afago quando necessário. Aos meus amigos e amigas que sempre estiveram presentes para mim, em especial a Emile Santiago, minha melhor amiga, que sempre se fez presente, sempre me ajudou no que podia e aguentou meus choros e lamentações e comemora minhas vitórias junto comigo.

Ao meu companheiro de todas as horas, Luan dos Santos, meu amor, que também aguentou todo o meu drama, me deu suporte e me ajudou dentro e fora da universidade. Sempre procurou me entender e me deu puxões de orelha, quando necessário. Lembro que, desde a primeira semana, era você quem estava lá no ponto de ônibus me esperando para me acompanhar até em casa.

A minha orientadora, Dr^a Lucilene Alcanfor, por sempre acreditar em mim desde a primeira disciplina juntas, e que não desistiu nem de mim, nem da minha pesquisa, mesmo eu dando trabalho. Sou grata por ter te encontrado na universidade.

E a todos os funcionários da Unilab, por sempre serem solícitos e acolhedores. Todos vocês me ajudaram a crescer como pessoa e profissional. A todos, meu muito obrigada!

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso intitulado “Os Impactos da Pandemia na Alfabetização: Uma Experiência no Programa Residência Pedagógica em São Francisco Do Conde - Ba, tem como objetivo analisar os efeitos da pandemia sob o desenvolvimento escolar de estudantes nos anos iniciais, mais precisamente no 3º ano do Ensino Fundamental, na mesma sala de aula em que o estágio do Programa Residência Pedagógica foi realizado pela pesquisadora. Compõem as fontes da pesquisa as experiências e observações do estágio no Programa Residência Pedagógica, realizado em 2022 em uma turma de 3º ano de uma escola de São Francisco do Conde-Bahia. A metodologia de pesquisa bibliográfica foi baseada nos textos formativos do Programa, dados fornecidos por pesquisas do governo, como o SAEB e a Pesquisa Resposta Educacional à Pandemia de COVID-19, assim como pesquisas referentes aos eixos de alfabetização, bem como do Programa Residência Pedagógica, sobre a pandemia e suas consequências, além de estudos encontrados no repositório de pesquisas da Unilab e, como parte integrante, temos as entrevistas semiestruturadas que vão se intercalando com os temas propostos no corpo do texto, feito com a professora regente de turma e diretora da escola onde foi realizada a parte prática do programa. Foi possível perceber com essa pesquisa que, tanto no período de isolamento social que teve como consequência as aulas remotas, quanto o pós-pandemia, toda a comunidade escolar teve que se mobilizar para que a educação ainda fosse possível em meio a tantas dificuldades encontradas, que vão desde as desigualdades sociais existentes entre os alunos, até os desafios enfrentados pela professora regente da turma pesquisada para que pudesse realizar seu trabalho durante o contexto da pandemia.

Palavras-chave: COVID-19, Pandemia de, 2020-2023 - São Francisco do Conde (BA); ensino fundamental - São Francisco do Conde (BA); Programa Residência Pedagógica - estudo de casos.

ABSTRACT

The course conclusion work entitled “The Impacts of the Pandemic on Literacy: An Experience in the Pedagogical Residency Program in São Francisco Do Conde - Ba, aimed to carry out an investigation into how the pandemic affected children in the literacy phase, as well as their consequences for children’s learning. The sources of the research are the experiences and observations of the internship in the Pedagogical Residency Program, carried out in 2022 in a 3rd year class at a school in São Francisco do Conde-Bahia. The documentary and bibliographical research methodology was based on the Program's formative texts, data provided by government research, such as SAEB and the COVID-19 Pandemic Educational Response Survey, as well as research relating to literacy axes, as well as the Program Pedagogical Residency, about the pandemic and its consequences, in addition to studies found in the Unilab research repository and, as an integral part, we have semi-structured interviews that are interspersed with the themes proposed in the body of the text, carried out with the class teacher and director of the school where the practical part of the program took place. It was possible to see with this research that, both during the period of social isolation that resulted in remote classes, and post-pandemic, the entire school community had to mobilize so that education was still possible in the midst of so many difficulties encountered, ranging from the social inequalities that exist among students, to the challenges faced by the teacher leading the class studied so that she could carry out her work during the context of the pandemic.

Keywords: COVID-19, Pandemic, 2020-2023 - São Francisco do Conde (BA); elementary school - São Francisco do Conde (BA); Pedagogical Residency Program - case studies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	14
2.1	O PRESENTE EDITAL	16
2.2	ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DO AFROLETRAMENTO	17
2.3	CONEXÃO DO PROGRAMA, UNIVERSIDADE E MUNICÍPIO	18
3	A ESCOLA ARLETE MAGALHÃES	19
3.1	A ESTRUTURA	20
3.2	CONTEXTO PEDAGÓGICO	22
3.3	O APROVA BRASIL	24
4	ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO PANDÊMICO E SUAS CARACTERÍSTICAS	27
4.1	A INTERRUPÇÃO NO PROCESSO CONTÍNUO DA ALFABETIZAÇÃO	28
4.2	O ENSINO REMOTO E A ADAPTAÇÃO À “NOVA REALIDADE”	31
4.3	AS DESIGUALDADES	33
4.4	OS BAIXOS NÚMEROS RELACIONADOS À APRENDIZAGEM	38
4.5	A VOLTA ÀS AULAS PÓS-PANDEMIA	41
5	A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E AS OBSERVAÇÕES: QUAIS AS CONSIDERAÇÕES?	44
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A pandemia do novo Coronavírus (Sars-Cov-2 ou Covid-19) impactou e influenciou a vida de todos no planeta, durante sua descoberta em 2019 e principalmente nos dois anos seguintes, 2020 e 2021, por ter sido um período de diversas mudanças no cotidiano, incertezas sobre o presente e o futuro e, principalmente, medo do que nunca, nesse século XXI, tínhamos visto antes em questão de saúde e crise universal e humanitária.

Fazendo um recorte para a educação, durante esse tempo, por causa da quarentena e isolamento social que foram impostos para toda a população para contenção de danos, as aulas presenciais foram suspensas e se criou um grande movimento de aulas remotas, sejam elas assíncronas (aulas gravadas e enviadas para os alunos) ou síncronas (aulas ao vivo) tanto em escolas, quanto em universidades, onde o aluno, junto com o professor, acompanhavam o calendário escolar por meio de canais de conversação, como o aplicativo WhatsApp e chamadas de vídeos, como por exemplo, pela plataforma Google Meet.

O tema desta presente monografia, intitulada *Os Impactos Da Pandemia Na Alfabetização: Uma Experiência No Programa Residência Pedagógica Em São Francisco Do Conde - Ba*, tem como contexto esse período de pós-pandemia, mais precisamente em 2023, e em como esse hiato incomum nas aulas presenciais afetaram a aprendizagem escolar de alunos principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa tem como cenário a experiência no Programa Residência Pedagógica, oferecido para estudantes em universidades para ter uma experiência prática, no que diz respeito à regência de classe, antes mesmo de terminar a licenciatura, ajudando, assim, na formação e na introdução desses novos professores no mercado de trabalho. Como parte integrante da pesquisa, temos o contexto de São Francisco do Conde, no Recôncavo Baiano, onde a parte prática do Programa foi realizada.

Essa monografia tem como objetivo geral analisar os efeitos da pandemia sob o desenvolvimento escolar de estudantes dos anos iniciais, mais precisamente no 3º ano do Ensino Fundamental, na mesma sala de aula em que o estágio do Programa Residência Pedagógica foi realizado pela pesquisadora. Como objetivos específicos, buscamos: estabelecer relações entre a pandemia e a aprendizagem escolar; investigar como os professores se organizaram e trabalharam durante esse tempo para suprir as necessidades dos alunos; relatar o que foi analisado durante o período de observação e regência prática no Programa Residência Pedagógica; observar as dificuldades dos alunos acerca da alfabetização; comparar resultados esperados para o ano escolar em questão e o nível de alfabetização encontrado, com base em documentos que relatem o tempo da pandemia com as situações encontradas em sala de aula.

A pandemia do Coronavírus teve seu início e ascensão como emergência sanitária em 2019 - por isso ficou conhecida como Covid-19 - e mudou momentaneamente a rotina de todos no mundo, pela sua alta taxa de transmissão do vírus, que acomete pessoas de todas as idades e têm diversos efeitos, desde algo similar a um resfriado, até entubações e intubações. O Covid-19 pôs em prática a quarentena, que até então era vista apenas em hospitais e em casos graves de algumas doenças contagiosas, onde tínhamos que ficar, por determinação do governo e organizações médicas relacionadas a esse momento, em casa, para conter a transmissão e nos protegermos de qualquer ameaça. Usávamos máscara cirúrgica ou de tecido, que inclusive começou a ser feita em meio à Pandemia, ao sair de casa e sempre higienizamos tanto as mãos, quanto alguns objetos com álcool 70% justamente para tentar conter o vírus de alguma forma.

Nesse contexto, como medida de proteção a todo o ambiente escolar, tivemos o “período de aulas remotas”, onde os professores, por intermédio da escola, produziam materiais para que os pais ou responsáveis dos alunos retirassem semanalmente ou quinzenalmente na secretaria das escolas, de acordo com a organização de cada uma e, por meio das orientações, apresentassem às crianças, para que produzissem suas tarefas para que os pais entregassem novamente aos professores. Segundo Bof, Basso e Santos (2022, p.8) “o trabalho de alfabetização, que necessita de mediação sistemática e consciente, passou a ser realizado pelos pais ou responsáveis, os quais nem sempre estavam aptos a executar tais atividades”. Dessa forma, entramos no problema das dificuldades das crianças na alfabetização, por não ter um acompanhamento adequado durante esse período, que ainda é mais evidenciado quando falamos das desigualdades que podem surgir a partir dessas situações.

Os professores, por outro lado, foram afetados pela pandemia por causa da sua nova “sala de aula” que foi modificada pela impossibilidade de estar fisicamente acompanhando seus alunos. Tiveram que desenvolver habilidades próprias para o período remoto e aprender a lecionar por meios de comunicação, além de fazer uso de novas ferramentas pedagógicas que foram adaptadas de acordo com a necessidade da turma. Apesar de todo o esforço, ainda assim, houve uma queda nos parâmetros nacionais de alfabetização, como nos mostra o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) do ano de 2021 a partir da pesquisa “Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil”, promovida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). A pesquisa evidencia a desigualdade social e racial que permeia a sociedade, fazendo assim, com que os professores, sem o apoio de políticas públicas e consequentemente das escolas, em um contexto de escola pública, não deem conta de todas as necessidades que seus alunos apresentam.

Passado o período mais crítico da pandemia, o cotidiano começou a voltar ao normal e, consequentemente, as aulas presenciais foram retomadas. Assim como o novo período remoto foi desafiador para todos, incluindo professores de todos os segmentos, a volta ao regime normal não seria diferente. Houveram danos deixados pela pandemia, que iam desde as dificuldades na alfabetização de um grande número de crianças, até a nova readaptação de todos na escola.

Durante todo esse período de isolamento social, foi possível perceber o real valor do professor, tanto na sua metodologia, quanto na observação diária e didática, o que fez com que fosse necessário falar sobre seu papel e valorização como agente transformador. Como Nóvoa e Alvim (2021, p. 9) apontam “aos que acreditam numa educação inteiramente digital, dizemos que tal não é possível, nem desejável, pois nada substitui a relação humana. Os meios digitais são essenciais, mas não esgotam as possibilidades educativas”. Sendo assim, para além das dificuldades vivenciadas pelos alunos, urge a necessidade de também falar das necessidades e dificuldades vivenciadas pelos professores, durante todo o contexto pandêmico.

A observação desse contexto, que passa pelo período pré e pós-pandemia, entre as dificuldades dos alunos e professores e dos processos de alfabetização, se deram através do programa federal de formação continuada, chamado Programa Residência Pedagógica.

O Programa Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que atua no aperfeiçoamento profissional de estudantes do ensino superior, propondo aos bolsistas de todas as licenciaturas e, nesse contexto, em Pedagogia, uma “vivência intensa” do que seria a sala de aula e em todos os seus contextos, desde a teoria, até a prática. Os bolsistas do programa viveram um intenso processo de formação, seguindo um calendário de tarefas, para que no final, fossem apresentados os resultados de toda a experiência. O programa teve duração de 11 meses (ressaltando que a vigência do programa são 18 meses, mas por insuficiência da inscrição de estudantes durante o período, foi lançado um edital especial 7 meses após o primeiro, que deu origem ao que de fato originou essa pesquisa) iniciando em maio de 2023 e encerrou em março de 2024, divididos entre observação e prática, com atividades nos fóruns na Plataforma Ava IEAD, além da leitura de textos e *lives* formativas e norteadoras.

O Subprojeto Pedagogia, no núcleo da Bahia, teve como tema “Alfabetização por meio do AfroLetramento”, coordenado pelas professoras doutoras Ana Rita de Cassia Santos Barbosa e Carla Verônica Albuquerque Almeida, docentes do curso de Pedagogia da Unilab. A proposta era de formação de professoras (es) com um pensamento crítico e consciente das questões raciais em diálogo com a aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, além do tema do subprojeto.

O presente edital 13/2023 e toda a sua formação ocorreu no município de São Francisco do Conde, localizado no estado da Bahia, onde se encontra o campus estendido da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, universidade pública federal onde o programa foi ofertado.

A metodologia do presente trabalho foi respaldada na pesquisa qualitativa, analisando as dificuldades de aprendizagem, além de buscar apoio nas fontes bibliográficas que abordam os impactos da pandemia na aprendizagem escolar. O método utilizado foi da pesquisa de observação participante. O trabalho foi desenvolvido a partir das observações na Escola Arlete Magalhães no período de estágio do Programa Residência Pedagógica.

A abordagem bibliográfica corrobora com o que Severino (2007) aponta, por ser de sua natureza, o tipo de abordagem metodológica que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, bem como em documentos impressos como livros, artigos, teses etc. Segundo o autor, “utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos” (Severino, 2007, p. 122).

E, por último, desenvolvemos duas técnicas de análise em conjunto: a observação participante diante do que foi presenciado e registrado no portfólio e relato de experiência, instrumentos feitos por meio e para o Programa Residência Pedagógica, para que tenhamos anotado aquilo que fizemos durante todo o nosso percurso na escola; e a segunda técnica foi a realização de uma entrevista com questões semi-estruturadas, que vão se intercalando e sendo expostos com os temas propostos no corpo do texto, com o intuito de analisar o ponto de vista da professora regente e diretora da escola-campo, sobre o período pandêmico e suas consequências na aprendizagem das crianças em relação ao processo de alfabetização. Segundo Minayo (2012), é preciso ir à campo munido de teoria e hipóteses, mas aberto para questionar a realidade social. Portanto:

É preciso imergir na realidade empírica na busca de informações previstas ou não previstas no roteiro inicial. [...] Num trabalho de campo profícuo, o pesquisador vai construindo um relato composto por depoimentos pessoais e visões subjetivas dos interlocutores, em que as falas de uns se acrescentam às dos outros e se compõem com ou se contrapõem às observações. [...] Em resumo, o trabalho de campo não é um exercício de contemplação. Tanto na observação como na interlocução com os atores o investigador é um ator ativo, que indaga, que interpreta, e que desenvolve um olhar crítico (Minayo, 2012, p. 623-624).

Como o trabalho se situa no contexto pandêmico e suas consequências na aprendizagem escolar de crianças do 3º ano do ensino fundamental, a pesquisa parte da seguinte problemática: Quais os principais efeitos da pandemia no processo de alfabetização dos alunos da turma de 3º ano do Ensino Fundamental onde foi realizada a pesquisa?

Quanto ao referencial teórico que será apresentado, se baseia nas fontes do eixo “impactos da pandemia-alfabetização-anos iniciais” que, em sua maioria, são textos formativos do Programa Residência Pedagógica, sendo selecionados de acordo com sua fundamentação teórica, por ser uma fonte precisa sobre os assuntos supracitados, já que todo o Programa foi feito em cima do tema e por ser, também, um lugar de referência, quanto à alfabetização e seus desdobramentos pós-pandemia. Além dessas fontes, também temos documentos referenciais brasileiros, como o Saeb, a Pesquisa Alfabetiza Brasil, o censo escolar produzido em 2020 e 2021 e outros trabalhos feitos por estudantes da Unilab, como “*Os Desafios Da Alfabetização E O Ensino Remoto No Contexto Da Pandemia Do Covid 19*” de Lucinéia Lima de Moura e “*Programa Residência Pedagógica: Perspectivas De Afroletramento Em Contexto Pandêmico*” de Monik Alves Fonseca. Como são fontes ligadas à Unilab e ao município em que está, essas fontes acabam sendo de grande proveito para o aperfeiçoamento do trabalho.

Para estruturar e suprir todos os objetivos dessa monografia, subdividimos o estudo em quatro seções: 1- *O Programa Residência Pedagógica*, para entendermos todo o seu contexto e impacto como programa de formação universitária; 2- *A escola Arlete Magalhães* e todo o contexto em que está inserida; 3- *A alfabetização no contexto pandêmico e suas características*, para abordar em números como foi o processo pedagógico no período remoto; e 4- *A residência e as observações: quais as considerações?* para que possamos discorrer sobre os resultados da pesquisa e refletir sobre as ações desenvolvidas na residência pedagógica para a compreensão das vivências observadas.

Buscamos, com o estudo, compreender as relações entre os assuntos já supracitados, além de pensá-los no contexto do município de São Francisco do Conde e, consequentemente, na escola estudada.

2 O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

O Programa Residência Pedagógica, programa da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - atua no aperfeiçoamento profissional de estudantes do ensino superior, dá aos estudantes, nesse caso, da licenciatura de Pedagogia, uma

“vivência intensa” do que seria a sala de aula e todos os seus contextos, desde a teoria, até a prática.

[O programa] foi criado através da Portaria Capes no 38, de 28 de fevereiro de 2018, com a finalidade de “apoiar Instituições de Ensino Superior (IES) na implementação de projetos inovadores que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica.” (Costa 2022, p. 9 - grifo nosso).

Na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, o programa está em sua terceira edição, e todo o processo, desde o início dessa edital, até o fim dele, teve como objetivo o fortalecimento de vínculo dos estudantes entre a teoria mostrada em sala de aula e a prática do chão da escola. É uma experiência única pelo fato de que vivemos no “chão da escola”, tivemos todo o contato com o corpo docente, com uma turma em específico - onde mais tarde teríamos a experiência da regência - ações que foram acompanhadas por professores da universidade e da escola.

O presente edital 13/2023 é o primeiro do pós-pandemia e, por conta disso, foi possível observar todo um contexto de volta às aulas e suas dificuldades perante os obstáculos vividos. É uma primeira experiência intensa e agregadora no sentido da vivência em sala de aula, visto que o programa também funciona como um “estágio expandido” por causa de todo o seu percurso.

O retorno à presencialidade nos processos de ensinar e aprender, atravessado por marcas profundas deixadas pela pandemia nas vidas de todos nós, que torna urgente o movimento de acolhimento à condição humana de cada pessoa, pelas perdas de entes queridos, pela pobreza instalada nos lares de educadores e educandos, pelo agravamento das desigualdades sociais e pelos impactos que esse conjunto de questões promove [novas] possibilidade de ensino e de aprendizagem (Costa, 2022, p. 6, grifo nosso) .

Logo, por meio desse programa, conseguimos ter um olhar diferente e uma iniciação à regência que provavelmente não teríamos na universidade ou em qualquer outro Estágio. Isso se dá pelo seu formato e contexto em que foi inserido, já que além de uma grande carga horária de observação, também tivemos uma carga horária de regência, por meio do acompanhamento de professoras, preceptores e coordenadoras do programa, que nos deram o suporte necessário para iniciarmos e vivenciarmos a experiência de regência.

2.1 O PRESENTE EDITAL

O edital 13/2023¹, teve 11 meses de duração com enfoque no subprojeto de Pedagogia, com o tema *Alfabetização por meio do AfroLetramento* na cidade de São Francisco do Conde. Tivemos menos tempo do que normalmente ocorre o programa, mas mesmo assim, foi de ótimo proveito no que diz respeito às experiências vivenciadas durante todo o processo. Inicialmente, eram 15 bolsistas e 3 voluntários, cenário que mudou ao longo do tempo por causa de fatores como residentes que concluíram o curso durante o processo.

Toda a parte prática do programa foi feita por mim na escola-campo Escola Arlete Magalhães. A turma em que ficamos foi a 3º ao A e, em um primeiro momento, foi observado a rotina e atividades feitas através do trabalho da professora regente² e, no segundo momento, foi realizada a regência, onde pudemos aplicar nossos conhecimentos vistos durante todo esse tempo, através dos textos norteadores passados durante esse período e das orientações feitas tanto pela professora regente, quanto pela preceptora e coordenadoras. Além disso, tivemos também, momentos com reuniões, encontros síncronos, tanto com a coordenação, quanto com as preceptoras, e também formações por meio de textos e lives disponibilizadas.

Nesse contexto, os profissionais que auxiliam os residentes de maneira direta durante todo esse percurso, são de 3 cargos distintos: coordenadores, preceptores e, a depender do caso, professores regentes. Nessa edição, tivemos duas coordenadoras da universidade, que são as doutoras Ana Rita de Cassia Santos Barbosa e Carla Verônica Albuquerque Almeida, docentes do curso de Pedagogia da Unilab; a preceptora, sendo a pessoa que fez a conexão entre escola e universidade que, nesse caso, foi a professora Julimar Lima. A turma de residentes desse presente edital era grande e, por causa disso, fomos divididos pelas turmas existentes na escola e, nesse caso, ficamos com a professora regente do terceiro ano A.

O presente edital terminou no início de abril, dando para nós, estudantes bolsistas, uma bagagem de conhecimento e prática que possivelmente não iríamos ver em outro tipo de ação na universidade.

¹ Disponível em: https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2023/04/Edital-No13_2023_Selecao-de-Estudantes_PRP.pdf.

² Para preservar a identidade da professora participante desta pesquisa, utilizaremos o termo “professora regente da turma”.

2.2 ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DO AFROLETRAMENTO

No atual subprojeto, temos como tema a “Alfabetização por meio do AfroLetramento”, onde lidamos com perspectivas diferentes no que diz respeito ao processo de alfabetização e seu contexto que, nesse caso, vai além do que tem se trabalhado nos processos de alfabetização por focar também na cultura afro-brasileira e afrodescendente que compõe nossa sociedade mas ao mesmo tempo é apagada pelos processos eurocêntricos. O tema do subprojeto se articula com a BNCC e tem como base a Lei Federal 10.639/03, para que assim, o contexto e a cultura negra sejam postos em evidência nos processos educacionais (Costa, 2022 p. 62).

Assim, a perspectiva pedagógica decolonial, de natureza crítica, dialógica e dialética, problematiza as relações que se estabelecem entre essas diferentes referências, permitindo compreender de forma ampla e cientificamente fundamentada, o exercício da docência, valorizando os contextos, as escolas e os profissionais que nelas trabalham (Costa, 2022, p. 20).

As concepções metodológicas do subprojeto (Costa, 2022 p. 22 e 23) dividi-se em três: 1- Metodologias e estratégias didático-pedagógicas diferenciadas, que materializa a valorização de uma didática afrocentrada; 2- Enfrentamento do racismo por meio do currículo da Alfabetização, onde a autora em sua síntese nos fala que devemos trabalhar a “desnaturalização da violência contra negros e negras”; e 3- O direito a conhecer a história e cultura africana e afro-brasileira na escola, por meio de toda a bagagem que nos é ensinada na universidade, desde histórias de matrizes africanas, a jogos, lendas e personagens que nos ensinam sobre a cultura do continente.

O tema também vai ao encontro com a missão da Unilab, que preza a valorização os princípios e valores das raízes africanas e afro-brasileiras, segundo o Plano Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia (2019)³, além de reconhecer e permeiar a cultura negra que existe em São Francisco do Conde:

Na Bahia, segundo o IBGE, São Francisco do Conde possui cerca de 40 mil habitantes e é um dentre os municípios brasileiros com o maior percentual de negros declarados, cerca de 90% da população. Ainda assim, percebe-se que a história, a cultura e as contribuições da população negra ainda são estudadas de forma superficial, estando muitas vezes reduzidas à semana ou dia da consciência negra. Carecemos, portanto, de um currículo escolar comprometido com a educação das relações etnicorraciais, o respeito e a valorização da cultura negra (Costa, 2022, p. 62).

³ Disponível em: https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/11/PPC-Pedagogia-Alterac%3a3o-19.pdf?_ga=2.191170090.1262800607.1713126371-617795376.1691025946&_gl=1*1djogv6*_ga*NjE3Nzk1Mzc2LjE2OTEwMjU5NDY.*_ga_622E2NCDRK*M TcxMzIxMjM3Ni4xNi4xLjE3MTMyMTI1MDCuMC4wLjA.

Nesse contexto, percebemos a valorização, tanto do local onde se passa todo o programa, quanto da cultura afrodescendente e afro-brasileira que existe ali, sendo muito importante para um currículo decolonial e que além de nos formar como professores, nos mostra diferentes maneiras de se trabalhar em sala de aula.

2.3 CONEXÃO DO PROGRAMA, UNIVERSIDADE E MUNICÍPIO

O Programa Residência Pedagógica somente foi possível graças a articulação entre a universidade, o município e a escola-campo onde foi realizada a formação e, como adendo, a partir dessa seção, iremos ver algumas críticas, versões e os olhares da diretora e professora regente da turma onde foi realizada a parte prática do Programa Residência Pedagógica sobre alguns assuntos que permeiam essa monografia. Quando perguntada sobre essa integração, a diretora⁴ da Escola Arlete Magalhães, nos respondeu:

Avalio como uma forma de troca de conhecimentos entre estudantes universitários e professores pedagogos, fortalecendo a prática pedagógica em sala de aula, desenvolvendo novas competências. No momento não mudaria nada [na dinâmica do programa] por parte da escola, já que vocês [bolsistas] estão em processo de formação. [grifo nosso]

De fato, há essa troca de conhecimento entre todos envolvidos no processo, o que faz com que nós, bolsistas, vejamos na realidade os processos educacionais de uma escola e possamos formar um pensamento crítico perante aquilo que presenciamos. Perguntamos também, como a diretora avalia a participação na escola dos bolsistas: *Para as escolas, essa participação é positiva, sendo uma forma de avaliação também da prática pedagógica do professor regente, e as contribuições que são oferecidas pelos estudantes para a turma.*

Toda a experiência que vivenciamos na escola-campo, nos encontros formativos, nas conversas com outros professores e pelos textos disponibilizados para a turma, faz com que tenhamos um novo olhar sobre a educação, além de termos também uma bagagem de conhecimento maior do que aqueles que infelizmente não tiveram a oportunidade de participar do projeto. Segundo Costa (2022, p. 22):

Os resultados do trabalho do RP junto aos licenciados encontram-se expressos na quantidade de egressos aprovados em processos seletivos para mestrados e para atuação nas escolas de educação básica. Encontram-se também na quantidade de trabalhos de conclusão de curso, capítulos de livros e anais de eventos publicados, um

⁴ Para preservar a identidade da diretora participante desta pesquisa, utilizaremos o termo “diretora da Escola Arlete Magalhães”.

importante exercício de autoria realizado por residentes, preceptores e docentes orientadores, envolvendo não só a construção dos textos, mas das práticas neles relatadas.

Portanto, o projeto do programa foi desenhado justamente para que nós, bolsistas, tenhamos o máximo de conhecimento e prática possível para que, quando trabalharmos como professores regentes, tenhamos consciência de que podemos fazer um trabalho em cima de outros aspectos da nossa cultura, evidenciando a cultura afrodescendente e afro-brasileira, para que assim, façamos um ensino decolonial.

3 A ESCOLA ARLETE MAGALHÃES

Para sabermos um pouco sobre a história da escola Arlete Magalhães, acreditamos que seria mais viável perguntar a diretora atual quais documentos poderiam ser fornecidos para que estudássemos a fundo seu contexto e espaço. Ela prontamente nos concedeu parte do Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP), onde observamos que sua história não é atual, e que a instituição já tem uma tradição e relação com a comunidade.

O prédio da Escola Arlete Magalhães foi construído em 18/10/1981, para servir de lar para idosos. Ele sempre foi mantido pelo município, mas nunca foi inaugurado para o seu primeiro objetivo e, por isso, após o espaço ficar pronto, foi tomado por pessoas de outras cidades ou até mesmo por moradores de rua. O prefeito que estava em mandato vigente na época, Pascoal Batista, construiu conjuntos habitacionais para que essas pessoas pudessem ser redirecionadas, o que de fato aconteceu.

Imagem 1 - Frente da Escola Arlete Magalhães



Fonte: imagem da autora

Fazendo um salto no tempo para 2013, temos a prefeita em mandato vigente na época, Rilza Valentim e o secretário Eliezer de Santana, inaugurando o prédio atual da escola com o nome de “CEJAL” - Complexo Escolar Julieta Ribeiro, Porciúncula Arlete Magalhães e Lícia Pinho. A escola tem esses três nomes em um primeiro momento, porque nesse prédio, diante dessa inauguração, funcionavam três escolas em um único lugar, exercendo sua atividade assim até 2016, quando as escolas Julieta Ribeiro e Lícia Pinho foram para outras instalações e somente a Arlete Magalhães permaneceu nesse mesmo prédio, no qual, até os dias de hoje, ainda é conhecida como “CEJAL”.

A escola é mantida pelo poder público por meio da Secretaria de Educação de São Francisco do Conde - SEDUC. Além do poder público, há também a arrecadação por meio da exploração de petróleo na região, que faz com que o município se destaque no meio das terras vizinhas, por ter um poder maior em relação a sua capacidade de mais recursos que, obviamente, também favorecem a educação do município.

3.1 A ESTRUTURA

A Escola Arlete Magalhães localiza-se na cidade de São Francisco do Conde, uma das cidades do Recôncavo baiano, que é muito conhecida por sua cultura e significância na história e independência da Bahia, além de ser considerada um município rico por causa dos *royalties* de petróleo, que fazem com que o investimento em todas as áreas da cidade seja mais amplo do que nas cidades circunvizinhas.

No período em que foram realizadas as observações e estágio no Programa Residência Pedagógica, a escola funcionava pela manhã, atendendo o Ensino Fundamental I (anos iniciais) e todos os 161 alunos e alunas que estavam matriculados, sendo acomodados em 10 salas regulares, 2 - turmas A e B - para cada ano do fundamental.

A escola conta ainda com uma sala de coordenação ampla e com recursos como alguns computadores e impressoras para as 3 coordenadoras; uma sala de direção, que é mais reservada e não é totalmente aberta ao público por causa das reuniões e tomadas de decisões; uma secretaria, onde todas as pessoas que trabalham lá são muito receptivas e estão sempre prontas e dispostas a ajudar, assim como todos que nos receberam, o que é um ponto muito importante, além de ser positivo, por que faz com que os bolsistas, pessoas que ainda estão adquirindo experiência e vivência dentro de sua profissão, sintam-se mais à vontade para que possam desenvolver um bom trabalho; um almoxarifado, onde os recursos podem ser compartilhados por todos - inclusive pelos bolsistas; uma sala ampla para professores, com alguns recursos pedagógicos e objetos para o seu bem-estar, como sofá, bebedouro, além de uma cantina como anexo.

Quanto aos outros espaços da escola, temos salas de: dança, música, ciências, laboratório de informática, sala de recursos bem equipada com televisores, computador, caixas de som, data show, dentre outros, além de contar com uma biblioteca completa, com bastantes exemplares de livros diversos de autores e gêneros. Também há outros espaços como a quadra poliesportiva, o auditório, que é grande e amplo, e o refeitório que abriga todos os estudantes e que conta também com uma cozinha.

Todos esses espaços são ocupados pelas crianças, seja por causa de uma aula feita pelos professores regentes ou pelos professores especialistas. Todos os recursos parecem ser conservados e bem cuidados, de modo que todos possam usufruir sabendo também.

O bairro, pelo que analisamos, é de livre e tranquilo acesso, até porque para os alunos que necessitam, também tem o transporte escolar. Além da escola, há um comércio local e também um cemitério - fato um tanto curioso - e o bairro se localiza perto da avenida principal, tendo entradas e saídas por perto.

O município em si, por causa de toda história e de suas riquezas naturais, proporciona aos seus moradores uma certa condição confortável, sendo que todos têm acesso à saúde e educação de qualidade, comparada aos municípios vizinhos. Pelo que observamos, os pais, na maioria das vezes, são jovens e isso nos chamou a atenção por ser um fato curioso.

A população, em sua maioria, é negra, tanto os munícipes, quanto os estrangeiros, que é o caso dos estudantes da Unilab, que agora fazem parte do município. Esse fato se deve à

Unilab e seu intercâmbio com os países africanos, que vem promovendo essa integração desde 2010.

3.2 CONTEXTO PEDAGÓGICO

Segundo informações da secretária da escola, no período do Programa, a escola contava com 89 funcionários, dentre eles, diretora, vice-diretoras, coordenadoras, agentes de apoio e inclusão, psicopedagogas, auxiliares de secretaria, auxiliares de serviços gerais e merendeiras. O corpo docente era formado por 30 professores, entre pedagogas e professores especialistas que, obviamente, ensinam às classes os conteúdos que estão requeridos nos documentos norteadores, que são entregues pela prefeitura, e vêm sendo repassados pelas coordenadoras, através de reuniões e discussões para que entrem em acordo sobre como devem reger as suas turmas, com base no nível de aprendizagem dos alunos que elas acompanham. Pelo que foi possível acompanhar, toda a equipe parece ter um relacionamento horizontal no sentido de que todos estão entrosados e seguindo uma mesma linha de pensamento para sua regência, fato que também diz respeito às coordenadoras e seu trabalho estruturado.

Fazendo uma ligação com o período pandêmico, vimos essa realidade completamente alterada pela comunicação *online* entre toda a comunidade escolar, pela maneira como todo o corpo docente teve que aprender novas técnicas de ensino EAD para que pudessem continuar o ano letivo e preparar as aulas de maneira que fosse acessível para todos, além de outros fatores que contribuíram para que as dificuldades fossem maiores durante esse tempo, como já tratamos acima. Para Cipriani, Moreira e Carius (2021), a relação professor-aluno foi profundamente impactada com a mudança do formato das aulas presenciais para as aulas remotas. Segundo os autores:

Torna-se evidente que a relação professor-aluno foi impactada com a mudança do formato das aulas presenciais para as aulas remotas. assinalam que a relação professor/aluno, em meio ao processo de ensino-aprendizagem, depende, fundamentalmente, do ambiente, da relação empática do professor com os alunos, da capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos estudantes. Destaca-se que, por mais que haja a possibilidade de interação pelos meios tecnológicos digitais, essa parece não ser satisfatória na Educação Básica, pelo fato de restringir o olhar atento do professor e limitar práticas que fortaleçam a participação e a compreensão dos sujeitos envolvidos (Cipriani; Moreira; Carius, 2021 *apud*. Brait *et al.*, 2010, p. 11).

O período pós-pandêmico também teve suas dificuldades por causa dos problemas acarretados pelas aulas remotas em que, além dos problemas de aprendizagem, também houve

problemas relacionados ao apoio ao professor e a sensação de um déficit de ensino, aprendizagem e relacionamento com seus alunos. Para a professora regente da classe onde foi feito o estágio, o apoio recebido mediante as dificuldades encontradas nesse período pós-pandemia não foram satisfatórios diante de todo o contexto:

[...] o apoio foi muito pouco [...] É assim, por conta de vários problemas também que tinham, né? As pendências que tinham da escola, por conta mesmo da pandemia, em relação à direção, o que tinha que ser resolvido, que não foi resolvido durante o período da pandemia. A direção, a coordenação, todo mundo ficou meio perdido, né? Na verdade, eu também como professora, né? Fiquei perdida porque, assim, foi uma coisa nova pra gente, né? A gente vive aqueles dois anos fora da escola e depois voltar pra escola e ter que resolver tudo, assim, de uma vez só. Então, assim, o apoio foi muito pouco. Mas eu não posso estar condenando por isso porque eu... vejo como uma coisa nova e o que é novo sempre, a gente sempre tem uma dificuldade maior de se adaptar, de resolver, sabe, de organizar.

Com esse comentário, podemos deduzir que não só a professora regente entrevistada, como também seus colegas da escola - e provavelmente do município - tiveram tais dificuldades. O apoio é precário, já que os professores em sua maioria não tiveram nenhuma formação para as novas tecnologias que precisavam ser empregadas em sala de aula. A nova situação para todos os esses profissionais, fez com que a maioria buscassem por conta própria novos conhecimentos acerca de suas necessidades em sala de aula (Moura, 2021), pensando a todo momento em seus alunos, que precisavam aprender os assuntos, e em seu lecionar, que por vezes estava prejudicado por todo o contexto. Para termos uma visão mais aprofundada sobre o assunto, com diferentes profissionais com seus respectivos cargos, também perguntamos a diretora da escola, sobre o apoio recebido pela prefeitura no período da pandemia:

Infelizmente nosso município não conseguiu oferecer para as escolas meios tecnológicos para atender nossa clientela carente de internet, aparelhos tecnológicos, materiais didáticos e máquinas para reprodução de materiais. As escolas e professores agiram como quiseram. Algumas criaram várias estratégias e outras fecharam as portas e possibilidades, já que não foram obrigados a usar seu aparelho de celular e nem teve da SEDUC.

Constatamos assim, com essa nova informação, que cada escola agiu de maneira independente e de acordo com seu contexto, de modo que, se pensarmos sobre o assunto, podemos concluir que cada escola do município que trabalha com os anos iniciais do ensino fundamental, na rede pública de ensino, tiveram empenhos diferentes no que diz respeito à alfabetização, mesmo fazendo parte de uma mesma rede e compartilhando dos mesmos

recursos, sejam eles didáticos ou lúdicos, mesmo esse último sendo de produção individual de cada espaço educacional.

3.3 O APROVA BRASIL

Assim que chegamos na escola para as observações, fomos informadas que às sextas-feiras os alunos tinham suas aulas voltadas para um programa chamado *Aprova Brasil*. Falar desse programa se torna necessário por dois motivos: ele também fez parte do nosso estágio e é um programa voltado para o reforço de alfabetização e matemática. Nossa fala aqui, será somente sobre o reforço à alfabetização, afinal, nesse presente trabalho, é o que temos como foco.

Pelas pesquisas feitas para compor esse trabalho, não encontramos referências científicas que falem sobre seus dados e seu projeto, apenas que é um projeto de intervenção da editora Moderna⁵, em que seus livros são baseados na matriz do SAEB⁶ para as disciplinas de português e matemática e consequentemente para as competências leitora e de resolução de problemas numéricos⁷, e que no ano de 2023 foi adotado pelo município de São Francisco do Conde⁸ para que justamente ocorresse esse reforço nas escolas, com o intuito de aumentar as notas do Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB. Conversamos com uma das coordenadoras da escola, para sabermos mais informações, e ela nos deu um livro do professor, onde podemos basear nossas informações, contextualizando a proposta do programa.

Nas informações contidas no livro do professor, percebemos que o objetivo do projeto é justamente desenvolver as habilidades necessárias nos alunos para as provas do SAEB, e que sua proposta pedagógica é feita com base nos livros e simulados desenvolvidos a partir da matriz de referências e habilidades do SAEB. Com suporte pedagógico para professores, como o livro do professor e recursos didáticos, além da plataforma digital que pode servir como material orientador, já que o professor pode registrar os resultados dos alunos, fazendo seu

⁵ O programa Aprova Brasil poderá ser consultado em: <https://www.solucoesmoderna.com.br/produtos-de-educacao/aprova-brasil/>. Acesso em: 23/04/2024

⁶ O SAEB, Sistema de Avaliação da Educação Básica, tem como principal objetivo avaliar e oferecer incentivo financeiro para políticas educacionais. Foi usado aqui, pela Editora Moderna, para servir de parâmetro sobre o que esse projeto deveria alcançar, já que o objetivo principal do Aprova Brasil é que esse índice educacional seja elevado.

⁷ Vídeo no canal do Youtube “Soluções Moderna”. [Conhecendo o Aprova Brasil](#). Acesso em: 23/04/2024

⁸ São Francisco do Conde. [Prefeitura realiza implantação do Projeto Aprova Brasil na Rede Municipal de Ensino](#). Acesso em: 23/04/2024

monitoramento. Não tivemos acesso ao conteúdo do site, sendo necessário senha e login para que suas informações sejam lidas.

Tratando da Língua Portuguesa, o objetivo do projeto é trabalhar com diferentes gêneros textuais, incentivando a fluência na leitura e sua prática, através de textos que, o longo do ano, vão aumentando a dificuldade e sua constância também, para que assim, o aluno consiga adquirir confiança perante tais competências. Vemos que o projeto, além de estar condizente com o SAEB e sua Matriz de Referência de Língua Portuguesa/Linguagens (2022)⁹, também está de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹⁰:

As diversas práticas letradas em que o aluno já se inseriu na sua vida social mais ampla, assim como na Educação Infantil, tais como cantar cantigas e recitar parlendas e quadrinhas, ouvir e recontar contos, seguir regras de jogos e receitas, jogar *games*, relatar experiências e experimentos, serão progressivamente intensificadas e complexificadas, na direção de gêneros secundários com textos mais complexos (BNCC, 2022, s/n).

Sua metodologia se forma a partir de três eixos: o bloco de lições, que são atividades do livro, junto com os simulados em cada capítulo; simulado e plataforma que, infelizmente, não tivemos acesso por precisar de login e senha; e estratégias de intervenção que necessitam das informações do segundo eixo para que a plataforma crie dados que possam auxiliar o trabalho do professor de acordo com as demandas em sala de aula.

Fazendo uma ligação entre o que nos diz o livro do professor e a Matriz de Referência de Língua Portuguesa/Linguagens do SAEB (2022), pode-se observar que a questão principal do projeto é justamente seguir com as habilidades necessárias para que o aluno, ao chegar no fim do ano letivo, seja capaz de ler palavras e frases, escrever textos e interpretar, tanto textos escritos, quanto imagens. A matriz de referência não nos dá uma informação exata de habilidades para o terceiro ano dos anos iniciais, mas já que sua referência é o segundo ano, acreditamos que, para o ano seguinte, não haveria diferenças de grande peso.

Quando foi perguntado para a professora regente da turma sua opinião a respeito do programa Aprova Brasil, em relação ao reforço com a alfabetização, a professora regente da turma nos deu a seguinte resposta:

⁹ A Matriz de Referência de Língua Portuguesa/Linguagens do SAEB poderá ser consultada em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/matriz-de-referencia-de-linguagens_BNCC.pdf. Acesso em: 23/04/2024.

¹⁰ A Base Nacional Comum Curricular poderá ser consultada em, com enfoque na Língua Portuguesa e nos anos iniciais, poderá ser consultada em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa-no-ensino-fundamental-anos-iniciais-praticas-de-linguagem-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>. Acesso em: 24/04/2024

Menina, o projeto eu achei legal, sabe? As atividades que eram feitas ali naquele caderno, né? Eu achei muito interessante, sabe? Mas o que faltou foi tempo para isso. Achei (...) as atividades muito extensas para o nível dos alunos que saíram de uma pandemia, que não tiveram muito desenvolvimento.

A professora considerava os textos muito longos, com perguntas muito complexas e de difícil compreensão para as crianças. Era preciso auxiliar as crianças na interpretação dos textos, mesmo com aqueles que sabiam ler, era preciso, a todo momento, tirar dúvidas que as crianças apresentavam em relação ao significado das palavras, pois a maioria não conseguia compreender o significado. Concluiu com a seguinte afirmação: *Mas o projeto em si, a atividade em si que veio ali no caderno, eu achei interessante. [...] se os alunos tivessem tido uma alfabetização segura e não tivessem passado pela pandemia, aí com certeza o desenvolvimento seria bem melhor, sabe? O retorno seria bem melhor.*

Em um dos dias que estivemos presentes em uma aula do mês de outubro de 2022, registramos uma conversa que a professora teve com os alunos, sobre uma atividade do *Aprova Brasil*, da disciplina de matemática, em que o rendimento esperado não foi atendido. Seu comentário corrobora com o que nos relatou em sua entrevista, uma vez que a docente destacou a falta de atenção e interesse dos alunos, comprometendo os resultados. No entanto, ela tinha a convicção de que a turma sabia responder bem as questões. Então, mesmo não sendo permitido, ela iria reler toda a atividade com os alunos, para que eles a acompanhassem. Ela não iria alterar o resultado do simulado, só queria fazer com que eles observassem como a falta de comprometimento de alguns fizeram com que eles mesmos saíssem prejudicados. O interessante foi ver que eles realmente sabiam, só era questão realmente de atenção, de se importarem com aquilo que estavam fazendo. A professora também foi muito paciente, e sua explicação deixou tudo mais claro para eles.

Em outra participação na aula, ainda no mês de outubro do ano corrente, os alunos foram submetidos ao simulado do *Aprova Brasil*, desta vez do componente curricular de Língua Portuguesa. A professora organizou a sala, definindo os lugares das mesas e dos alunos, pedindo para que guardassem os materiais e deixassem apenas o lápis em cima da mesa. Logo depois, a apoio distribui os livros aos alunos. Em seguida, a professora seguiu a mesma estratégia das avaliações anteriores: acompanhava os alunos na leitura das questões. Em relação a essa estratégia pedagógica foi possível perceber que eles já estão acostumados a esse formato de atividade, e que realmente funcionava, afinal, quem ainda sentia dificuldade, conseguia acompanhar e ler também, as questões.

O simulado se deu de forma tranquila, com alguns alunos terminando primeiro que outros, e quando isso acontecia, eles esperavam os demais colegas para que pudessem seguir para outras atividades. O que nos chamou a atenção, é que sempre há o respeito em não interferir de maneira alguma na atividade de outro colega, fazendo com que o resultado seja fidedigno à sua aprendizagem. Outro ponto curioso, é que eles não vêem o simulado como um peso: para eles, é apenas uma atividade igual as outras. Percebemos essa diferença - ou mudança - quando lembramos a maneira em que um “teste” ou “prova” eram tratados antigamente de forma punitiva e coercitiva, impondo medo aos alunos. Para a diretora da escola, o projeto também foi de bom proveito:

Foi um projeto bem aceito pelos professores, com um planejamento bem organizado, preparando desde a alfabetização para as avaliações externas. Com uma sequência didática que oferecia um direcionamento à prática do pedagogo no processo de alfabetização. Na pandemia, tivemos muitos problemas com o processo de alfabetização, justamente por não ter um material bem organizado para essas aplicações à distância e muitos (alunos) sem celular e computador para o professor mediar todo o processo.

Logo, ao que podemos perceber, esse projeto foi de grande proveito por parte dos professores, apesar da complexidade citada pela professora entrevistada, coordenadores e diretores, pela organização e atividades, e pelos alunos, que além das aulas regulares, também contavam com um reforço para que suas habilidades pudessem ser aproveitadas e potencializadas. Não podemos esquecer também, que um dos interesses da prefeitura é que junto com esse projeto, a sua nota no SAEB aumentassem, sendo até curioso de refletir já que o projeto foi implantado logo após a pandemia e nos deixando em dúvidas sobre qual o maior beneficiário: se foram os alunos e seu aprendizado ou a nota do município na avaliação. De qualquer maneira, podemos concluir que todos ganharam, seja em conhecimento ou reconhecimento.

4 ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO PANDÊMICO E SUAS CARACTERÍSTICAS

É de senso comum que a pandemia mudou a vida de todos durante o seu período mais ativo e que, por causa desse fato, uma parcela da população que contraiu o coronavírus, teve sequelas ou até mesmo chegou a óbito, reforçando ainda mais o quão contagioso esse vírus pode ser e sua alta taxa de mortalidade, situação que conseguimos reverter graças às vacinas, que salvam vidas, criadas em meio a toda necessidade.

É sabido também, que o isolamento social foi definido pelo governo como forma de “contenção de danos” no que diz respeito à diminuição da taxa de transmissão e, consequentemente a mortalidade atrelada ao vírus, e que foi definido para todos, independente da atividade profissional, do espaço em que se mora ou do lugar onde se estuda, ou seja, em um primeiro momento, a maior preocupação era com a Covid-19, e só depois foi-se pensando nas consequências de tais decisões.

Pensando nas decorrências que esse período trouxe para a alfabetização de crianças brasileiras e em todo o seu contexto, abordaremos alguns tópicos referentes ao processo de alfabetização nos anos iniciais, no contexto da pandemia.

4.1 A INTERRUPÇÃO NO PROCESSO CONTÍNUO DA ALFABETIZAÇÃO

O isolamento social foi regulamentado em 13 de março de 2020 no Brasil, começando a ser sancionado no mesmo mês, ao mesmo tempo em que outras medidas de precaução eram tomadas¹¹. Trazendo essa data para o ano letivo, em março, aqui no Brasil, o que sempre vemos é a volta às aulas na educação básica na rede pública de educação, já que, em alguns casos, a rede privada tem o seu retorno às aulas no fim de janeiro ou até mesmo em fevereiro. Mas em suma, o que podemos notar é o retorno às aulas de maneira mais efetiva em março.

Nesta mesma época, o contexto que se apresentava era de que as aulas iriam ser suspensas presencialmente somente por quinze dias, para que os governantes, junto com os órgãos de saúde ligados à pandemia, pudessem analisar quais seriam os próximos passos. Na Bahia não foi diferente e, segundo a notícia divulgada pelo site G1¹²:

O governador da Bahia, Rui Costa (PT), anunciou na manhã desta quarta-feira (18) *[de março de 2020]*, em Salvador, a suspensão das atividades em todas as escolas do estado - incluindo as da rede particular - por 30 dias. A medida começa a valer a partir de quinta (19) *[grifo nosso]*.

Nesse momento, as escolas e todo o seu corpo docente tiveram que se organizar para poder discutir, com base no que os órgãos de saúde e governo orientavam, o que seria feito em relação ao calendário escolar que, apesar de no início ter sua recomendação de suspensão somente por 15 dias, já alteraria todo o planejamento anual das escolas. Salientando ainda, as

¹¹ Sobre esse contexto ver a matéria de Veja Saúde (2020), disponível em:

<https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-tinha-se-espalhado-pelo-brasil-antes-das-medidas-de-contencao>

¹² Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/03/18/governo-da-ba-suspende-aulas-em-escolas-particulares-e-funcionamento-do-transporte-intermunicipal-como-medida-ao-coronavirus.ghtml>

diferenças que existem entre estados, municípios, rede pública e privada e o nível de contaminação pela Covid em cada lugar, segundo o Ministério da Educação (2020), e em como esses fatores influenciam nas tomadas de decisões pelos órgãos públicos.

Após os quinze dias, viu-se a necessidade de que esse período fosse estendido, por causa do número ativo de casos, pela sua alta taxa de contaminação e pelo grande número de vítimas, que ainda não era o resultado que presenciávamos durante os anos em que a Covid-19 passou ativa, mas já eram alarmantes naquela época. Sendo assim, os governantes, além de estenderem o período de isolamento social, também decretaram o que ficaria conhecido como “período de aulas online”, por meio do parecer do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno CNE/CP Nº 10/2020:

O Parecer CNE/CP nº 5, de 28 de abril de 2020, homologado por Despacho do Ministro de Estado da Educação, de 29 de maio de 2020, publicado no Diário Oficial da União (DOU), em 1º de junho de 2020, propôs a reorganização do Calendário Escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia da COVID-19. A mencionada deliberação se reporta, em sua fundamentação, à situação excepcional decorrente da pandemia da COVID-19, que impôs restrições de locomoção, isolamento social e de realização de diversas atividades [...].

A partir de tal despacho, podemos notar o que estaria por vir, já que não apenas ficaríamos em isolamento social por 15 dias, como também teríamos que recorrer a um outro tipo de modalidade de ensino: o EAD, em que as escolas teriam que se adequar a todo esse contexto. Ou seja, além da interrupção em todos os processos presenciais da escola, ainda teríamos o acréscimo de outra modalidade escolar. Como as crianças, professores e todo o contexto escolar reagiria a esse período?

Trazendo esse assunto diretamente para a alfabetização, temos preocupações que vão além desse tempo, já que a etapa das crianças na alfabetização é de extrema importância, por ser o momento onde as crianças aprendem outro tipo de comunicação, além da língua falada, sendo dotados de símbolos e códigos da sociedade em que vive. Segundo a entrevista de Francisco José Rengifo-Herrera, para o Correio Braziliense¹³:

Temos de relacionar o futuro com a alfabetização. Muitas crianças que vão iniciar (pós-pandemia) na escola deverão ter um mínimo de garantias de se engajar e de aprender a ler. Se não garantirmos isso, além do impacto severo que a pandemia trouxe, teremos o impacto de não ter respondido à altura com modelos que permitam processos efetivos, eficientes e competentes para aprender a ler.

¹³ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/09/4876634-pandemia-atinge-alfabetizacao-especialistas-alertam-para-novo-modelo.html>

Quanto a essa interrupção no processo contínuo na alfabetização, que ocorre normalmente dentro da escola, com professores, alunos, corpo docente, recursos metodológicos e toda uma rotina de leitura, escrita e ludicidade, quem ficou com o encargo de ser o suporte necessário para uma criança em plena fase de alfabetização? Pois a dificuldade começa quando não há o contato direto entre alunos e professores, em que não se cria um laço afetivo e consequentemente, afeta a aprendizagem por parte dos alunos e o diagnóstico mais preciso dos professores, para entender a necessidade de cada um. Segundo Bof, Basso e Santos (2022, p. 8):

Nesse sentido, a alfabetização envolve um processo de aprendizagem complexo, que ocorre em um ambiente escolar de múltiplas dimensões. Em um ano letivo padrão, são realizadas ações de planejamento, sequência didática, organização de atividades, avaliação de conhecimentos prévios dos alunos, entre outras. O ano de 2020, no entanto, trouxe uma mudança radical na dinâmica dos contextos escolar e familiar. O processo educacional foi migrado para o ambiente familiar e a relação escola-família tornou-se ainda mais fundamental.

A tarefa do ensino, que antes era majoritariamente exercida pelos professores, agora passava a ser um processo que tinha também os pais ou responsáveis envolvidos, muitas das vezes em condições precárias e sem uma ajuda eficiente do governo ou escola, de forma que a educação, estivesse naquele momento em seu desempenho mais precário, por fatores já citados acima e que iremos desenvolver ao longo dessa pesquisa. De acordo com Pires, Carneiro e Saraiva (2022 p. 15):

Diante da ausência de um Estado cuidador, os cuidados consigo estão ainda mais individualizados, cada um deve cuidar de si e dos seus mais próximos; seja por meio de máscaras e(ou) isolamento social, cada qual tem feito sua “gestão de risco”. Cada qual deve cuidar de seus idosos e de suas crianças. Isolada e concentradamente. As famílias devem manter suas crianças em casa, sem escolas e sem apoio estatal e social. Esse foi o discurso do início da pandemia, quando temia-se a sua carga viral. Mães e pais deveriam fornecer não somente afeto, mas acompanhar as atividades escolares remotas. Pouco ou quase nada ouvimos das vozes das crianças, pois, nessa lógica econômica e social, elas não têm espaço e são responsabilidade da casa.

Com esse fato, podemos perceber que há todo um conflito, mesmo que inicial, sobre o ensino para essas crianças, seus pais e a forma que enfrentaram com essa obrigação a mais, tão importante e complexo para as crianças, pois tudo aponta para o despreparo de todas as esferas, o que é justificável, mesmo que só inicialmente, tendo em vista a situação alarmante de saúde pública.

A alfabetização no contexto pandêmico teve várias nuances e dificuldades que só evidencializavam alguns problemas já conhecidos como a desigualdade que poderia haver entre

diferentes estados, municípios e redes públicas e privadas, além de nos mostrar uma modalidade diferente de educação que antes só era conhecida por quem cursava a universidade em modalidade EAD, o que gerou alguns embates e complicações entre toda a comunidade escolar.

4.2 O ENSINO REMOTO E A ADAPTAÇÃO À “NOVA REALIDADE”

Logo após a regulamentação das aulas remotas nas escolas pelo Brasil, tanto a administração das escolas, quanto os professores, tiveram que se reorganizar em torno de seus deveres e necessidades perante seu contexto de trabalho e dos seus alunos. O que vemos a partir daí é uma grande mobilização para que a educação fosse ao menos possível para uma parcela da comunidade escolar, já que as desigualdades durante esse período foram bem acentuadas e a continuação das crianças na escola, estando matriculadas, era uma incógnita. Moura (2021, p. 34) diz que:

Com essa interrupção a relação professor e aluno sofreu modificações significativas, considerando que o ambiente para promover tais trocas e interações foi mudado sem sequer ter um diálogo para discutir as regras e limitações desse novo espaço de aprendizagem, que muitas vezes não são adequados e propícios para promover e auxiliar na aprendizagem e desenvolvimento das crianças no processo de alfabetização, as famílias também não foram preparadas para ter em suas casas uma sala de aula improvisada para dar conta da escolarização dos seus filhos durante o ensino remoto.

Para o ensino remoto, os professores precisaram manusear aparelhos eletrônicos e mídias digitais. Eles tiveram que aprender a trabalhar de maneira on-line e a lidar com ferramentas que antes não eram precisas, o que fez com que além das dificuldades já encontradas em todo o processo, sejam elas pessoais e/ou profissionais, ainda precisassem se dedicar a mais uma “formação”, para que pudessem suprir as necessidades encontradas durante o período. Ou seja, para além de toda demanda já existente na classe educacional, no período pandêmico ainda houve mais uma, sobrecarregando assim ainda mais os professores de todas as modalidades. Fonseca (2021, p. 17) nos dá um exemplo:

Nesta dinâmica, tínhamos pela frente o desafio de planejar aulas interativas e lúdicas usando metodologias por meio das TIC [*Tecnologia da Informação e Comunicação*], o que a princípio nos impôs a busca por materiais na internet, que subsidiariam a criação de propostas e jogos desafiadores, para melhor atendermos a turma, seus interesses e necessidades, em prol de uma aprendizagem mais significativa [*grifo nosso*].

Além das dificuldades dos professoras, houve também as adversidades dos alunos, em que muitas das vezes, o acesso às aulas on-line eram complicados por causa de diversos fatores que eram provenientes da vida pessoal dos alunos, como a falta de recursos para acompanhar as aulas e a dificuldade dos pais em relação à conciliação do tempo de trabalho e afazeres domésticos com o tempo para a educação de seus alunos. A professora regente da turma, nos contou, por meio da entrevista, as diferenças que conseguiu identificar entre turmas pré e pós-pandêmica:

[...] Na pandemia, o aprendizado deles, claro que era bem menor, né? O nível era menor por conta da distância, gente que não tem muito recurso[...] tem que tá lidando com aquela coisa de remoto, né? Porque eu tive muita dificuldade nessa questão do remoto[...] nunca fui muito de tá mexendo em tecnologia. [...] Então, pra mim, foi complicado. Eu tive que pedir ajuda aos meus colegas, entendeu? A professora que estava com eles anteriormente, eu tive que pedir ajuda aí para criar as aulas, para criar os slides e tudo, eu tive que pedir ajuda porque eu não tinha conhecimento disso, não tinha habilidade, entendeu? [...] Quando eu passei a trabalhar com eles presencialmente, então, a coisa melhorou.

Ou seja, vemos neste comentário um exemplo do que falamos acima, sobre as dificuldades dos professores, dos alunos e o ensino remoto em meio a todo esse contexto. Devemos lembrar que toda essa situação em que estamos relatando, se passa majoritariamente em redes públicas de ensino, como todos os relatos dados pela professora e as observações feitas no Programa Residência Pedagógica.

Para dados gerais do governo em relação às escolas públicas municipais do Brasil, temos 133,685 escolas públicas suspenderam suas aulas presenciais no período pandêmico, 62,426 escolas públicas tiveram de ajustar seu calendário escolar, 97,5% das escolas municipais não tiveram seu retorno presencial em 2020, segundo a *Pesquisa Resposta Educacional à Pandemia* no ano de 2020¹⁴. Sobre o papel das prefeituras em meio ao período de aulas remotas, temos algumas considerações a fazer acerca da ajuda dada às escolas, professores e alunos, lembrando que as autoridades homologaram ainda em março o período remoto e, segundo Barberia, Cantarelli e Schmalz (2020, p. 17) “na média, as prefeituras das capitais estaduais demoraram 43 dias após fechar as escolas para apresentar um plano de ensino remoto. Deve ser notado que a interrupção das aulas ocorreu durante o que seria o primeiro semestre (ou segundo bimestre) do ano letivo”.

¹⁴ Documento disponível em:

https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_pesquisa_covid19_censo_escolar_2020.pdf

Não ocorreu somente a falta de apoio à escola, como também aos alunos e professores, sendo que os últimos tiveram que se instruir e elaborar suas aulas praticamente por si só, fazendo assim, com que o ensino fosse ainda mais desigual em relação à toda a rede municipal de ensino. Pensando numa utopia, em que a prefeitura oferece um apoio mais focado na formação dos professores e na distribuição eficaz de materiais didáticos a todas as crianças, poderia ter feito uma enorme diferença na vida de todos no ambiente escolar, desde professores e sua adaptação às novas demandas, até aos alunos e o período confuso e sem apoio que viveram.

A pandemia não só prejudicou o momento presente dos alunos, ela prejudicou também o futuro daqueles que terão alguma deficiência educacional proveniente desse tempo, que não tenham adquirido alguma competência que seria necessária no futuro dessas crianças e que os professores dos anos seguintes às aulas remotas não tenham conseguido suprir essa dificuldade:

Como já é bem conhecido, níveis mais baixos de aprendizagens se traduzem em menos potencial de ganhos futuros para os alunos e menor produtividade econômica para as nações. Estima-se que até 2040 o impacto econômico decorrente dos atrasos de aprendizado relacionados à pandemia pode levar a perdas anuais de US\$ 1,6 trilhão de dólares em todo o mundo, ou 0,9% do produto interno bruto (PIB) global total (Ramos, 2022 *apud* Bryant *et al.*, 2022, p. 863).

Quando refletimos sobre esse dado, percebemos que os prejuízos vão para além da porta da escola, fazendo com que os estudantes o levem para a vida aquilo que não foi suprido. Também temos que ponderar esse *déficit* com o período incomum vivido, tendo consciência de que foi um período excepcional e de bastante dificuldade para governos do mundo inteiro. Entretanto, quando analisamos o contexto estudado na pesquisa, também notamos uma certa falha das autoridades locais e certo despreparo da gestão para lidar com momentos incomuns e falta de planos de contingência de danos.

4.3 AS DESIGUALDADES

Nos tópicos acima expomos as dificuldades que as escolas, os professores e, principalmente, os estudantes tiveram no contexto pandêmico. Nesse presente tópico, vamos especificar alguns outros pontos cruciais para entender como a pandemia pode ter agravado as desigualdades que cotidianamente já existiam na sociedade. Sabemos que a depender da maneira como a prefeitura administra uma escola pública, ela pode oferecer uma educação de qualidade ou não, se comparada às escolas privadas daquele mesmo lugar. Como já citado,

sabemos que houve um *déficit* no que diz respeito ao apoio dado pela prefeitura de São Francisco do Conde às escolas, alunos e professores, fazendo com que os profissionais envolvidos tivessem que se qualificar para uso das ferramentas digitais e produzir materiais pedagógicos por si só. Sobre esse assunto, a professora regente da turma nos diz:

[...] Tinha alunos que não tinham aparelho celular, não tinha como participar das aulas online, inclusive ficaram vários sem participar de várias aulas. Então, tudo isso causou muitos problemas, né? Por conta dessa questão deles não terem o acesso, então, causaram muitos problemas em relação à aprendizagem, né? Tiveram alunos também que aquela questão da adaptação à escola, ao ambiente escolar, ao ambiente da sala de aula também, eles não tiveram isso. Então, isso também foi uma grande dificuldade que eu tive para tentar resolver já, quando eu voltei, o presencial. Coisas que tinha que ser aprendido antes, eu tive que estar trabalhando tardiamente por conta da pandemia, né? Por conta do ensino online.

A professora ainda nos relatou um pouco mais sobre as dificuldades e angústias acerca do período de aulas remotas, onde até mesmo trabalhar com as letras alfabéticas, numa turma de terceiro ano, era difícil, visto os recursos limitados e o nível de aprendizagem dos alunos, por causa de todas as circunstâncias, não tinham o mesmo desempenho de quando estavam de maneira presencial, sendo essa a primeira dificuldade percebida pela docente.

Temos também, como dado importante, o dever de ressaltar que, mesmo após o período de aulas remotas terem findado na maior parte do território nacional em 2022, na Escola Arlete Magalhães, esse período se estendeu até meados de 2023. O período de observação do Programa Residência Pedagógica só foi iniciado após o recesso junino, que teve seu fim no início de Julho daquele ano. Ou seja, além de todos esses problemas já citados, o período remoto na escola se estendeu por mais meio ano, prejudicando ainda mais a aprendizagem de seus estudantes.

As desigualdades sociais já existiam na educação antes mesmo da pandemia mas, durante esse período, por causa das circunstâncias que diz respeito ao apoio do Estado, e as medidas para a crise sanitária, o abismo social ficou ainda maior. Quando trazemos para o Nordeste, podemos perceber que, em relação a outras partes do Brasil, temos números e dados ainda mais alarmantes. Segundo o documento *Retratos da Educação na Pandemia*¹⁵ (2021):

As características físicas e demográficas das regiões Nordeste e, especialmente, Norte, com baixa densidade populacional, deficiente infraestrutura de comunicação e transporte, maior vulnerabilidade socioeconômica de suas populações, impuseram desafios ainda maiores para o planejamento e implementação da oferta de conteúdos pedagógicos aos estudantes.

¹⁵ Documento disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/fcc-noticia/retratos-da-educacao-na-pandemia/>

A infraestrutura de comunicação diz respeito a conexão via internet, meio muito usado durante a pandemia por causa do período de aulas online e, no Nordeste, o acesso foi menor do que nas outras regiões do Brasil, chegando a apenas 65% dos domicílios segundo Barberia, Cantarelli, Schmalz (2021, p. 21). E, mais uma vez, podemos evidenciar esse fato com a fala da professora regente da turma, que nos mostra as dificuldades enfrentadas para que pudessem dar aulas remotas a seus alunos.

No que diz respeito à vulnerabilidade socioeconômica, sabemos que no Brasil, há um grande abismo entre as denominadas “classes sociais”, sendo denominadas pela dicotomia “classe baixa” e “classe alta”, que são pessoas de baixa renda e pessoas que têm grande poder aquisitivo. Na educação, vemos esse cenário pelas escolas públicas e privadas, onde quem tem maior poder aquisitivo, pode “comprar” uma melhor educação. O Estado tem o dever de garantir uma educação de qualidade, como mesmo declara o artigo 205 da Constituição federal de 1988¹⁶, porém não vemos isso no nosso cotidiano, onde as escolas municipais, estaduais e federais, muitas delas, estão sucateadas, tanto em estrutura, quanto em materiais didáticos e recursos educacionais. Com isso, temos uma grande diferença entre escolas públicas e privadas no período pandêmico. Segundo alguns dados da pesquisa *Resposta educacional à Pandemia De Covid-19 No Brasil* de 2020¹⁷ e 2021¹⁸ temos o comparativo:

→ Em 2020: comparativo sobre o ajuste do calendário entre rede pública e privada

¹⁶ Documento disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

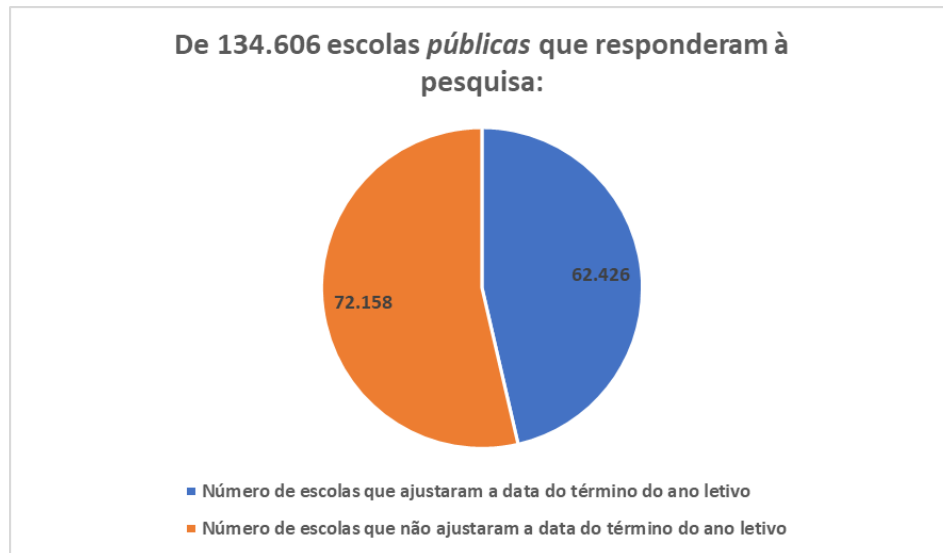
¹⁷ Disponível em:

https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_pesquisa_covid19_censo_escolar_2020.pdf

¹⁸ Documento disponível em:

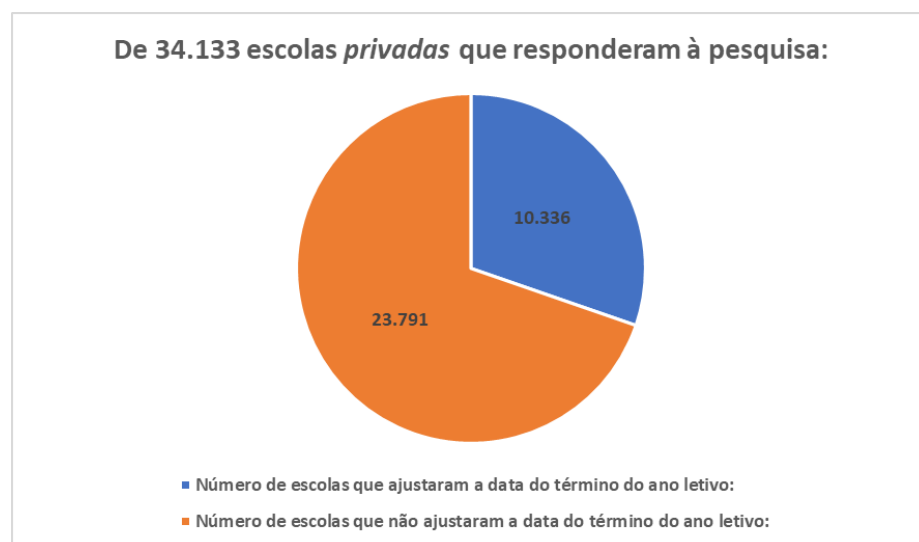
https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_pesquisa_covid19_censo_escolar_2021.pdf

Gráfico 1 - Número de escolas públicas que ajustaram ou não a data ao término do ano letivo



Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 2 - Número de escolas privadas que ajustaram ou não a data ao término do ano letivo

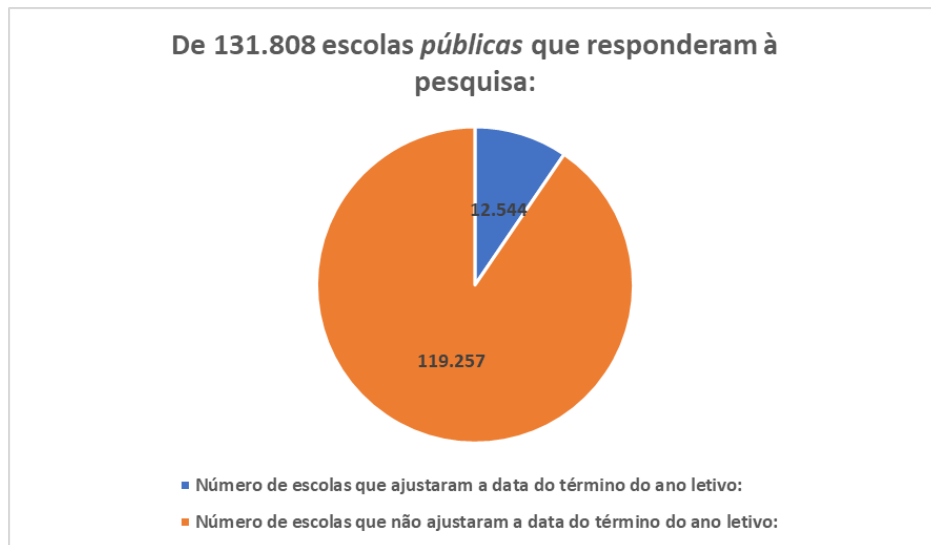


Fonte: elaborado pela autora.

Vemos que, em 2020, das 134.606 escolas públicas que responderam a pesquisa, apenas 72.158 conseguiram ajustar o calendário escolar de acordo com isolamento social e período remoto impostos pelo governo, ou seja, quase metade das escolas não conseguiram redigir um novo plano diante de toda a situação. Em contrapartida, das 34.133 escolas privadas que responderam a pesquisa, 23.791 conseguiram ajustar o calendário, quase 2/3 de todas as escolas.

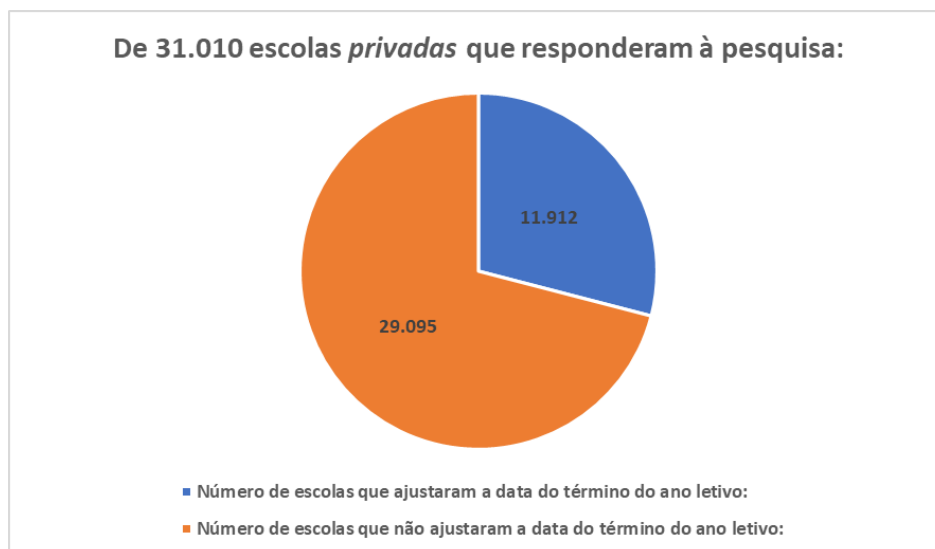
→ **Em 2021: comparativo sobre o ajuste do calendário entre rede pública e privada**

Gráfico 3 - Número de escolas públicas que ajustaram ou não a data ao término do ano letivo



Fonte: elaborado pela autora

Gráfico 4 - Número de escolas privadas que ajustaram ou não a data ao término do ano letivo



Fonte: elaborado pela autora.

Nos gráficos de 2021, vemos que de 131.808 escolas públicas que responderam a pesquisa, 119.257 não conseguiram ajustar o calendário escolar. Comparando com 2020, tivemos um grande aumento no número dessas escolas que não conseguiram o ajuste, devido ao que, acreditamos que seja, a falta de apoio do governo e falta de organização também, visto que, em 2021, o ano letivo foi praticamente todo de aulas remotas. Quanto às escolas privadas,

vimos que a média continuou na mesma faixa que em 2020, considerando assim, que as escolas também não conseguiram um ajuste a mais daquilo que já tinham.

Ainda que haja uma comparação entre os números, percebemos o disparate mediante as escolas públicas e privadas do Brasil. Com isso, números de documentos oficiais como o Saeb poderiam ser melhores, caso houvesse uma nivelção entre as redes de ensino e a administração da educação fosse melhor nas redes públicas. Segundo Barberia, Cantarelli, Schmalz (2021, p. 17) estados como Tocantins, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, demoraram mais de 100 dias para apresentar um plano para o período remoto, enquanto que o estado da Bahia nem ao menos chegou a apresentar um plano entre março e outubro, fazendo assim, com que os alunos passassem o ano de 2020 sem aulas, ou sem que as escolas funcionassem sem um plano unificado entre unidades de um mesmo local.

Com esses dados, percebemos o quanto alunos de redes públicas estiveram com seus aprendizados defasados em relação a aqueles que estudam em escolas particulares e que, apesar do período excepcional, ainda assim, tiveram um maior apoio e estudo provenientes de suas escolas, fazendo assim, com que a desigualdade durante e pós período pandêmico fossem maiores, afinal, há uma tentativa de recuperação desse suporte que também pode não ter sucesso.

4.4 OS BAIXOS NÚMEROS RELACIONADOS À APRENDIZAGEM

Com base em tudo que já falamos, a aprendizagem dos alunos no período pandêmico foi bastante afetada por todo o contexto que vai desde a falta de recursos na escola, a falta de apoio dos estados e municípios, até mesmo a dificuldade de acompanhamento das aulas remotas por parte dos pais e professores. Com isso, houve uma queda significativa nas pesquisas relacionadas à educação, como vemos também na percepção dos professores com base em suas experiências. A professora entrevistada, nos conta quais estratégias pedagógicas utilizou para tentar sanar a defasagem de aprendizagem diante de todo esse contexto:

Então, eu procurava sempre estar trabalhando com recursos que [...] proporcionasse a eles o desenvolvimento do que eles de fato estavam tendo dificuldade. Então a dificuldade maior deles era o que? Leitura e escrita. Apesar de que a gente ficou [...] com aquele projeto [Aprova Brasil] que ficou me limitando bastante. Então assim, eu tinha que dar conta do projeto e eu tinha que dar conta também da dificuldade deles. No caso de sanar as dificuldades deles. Mas mesmo com toda essa dificuldade, mesmo com toda aquela coisa de tomar o meu tempo inteiro com o projeto, eu consegui trabalhar com alguns recursos de leitura escrita, produção de texto, porque eles não tinham essa habilidade de fazer, de escrever o texto. Muitos deles não. Muitos deles tinham oralidade, mas eles não conseguiam passar para o papel, que eu acho que o

que mais complicava naquela turma era isso. a questão da construção de texto, da produção do texto, né? A escrita, elas não tinham tanta dificuldade, só aqueles mesmo que a gente já sabe que tinha uma maior dificuldade, já foram repetentes e tal, que a gente tentou, né? Mas, assim, eu tive o problema de perceber que tinha alunos com dificuldade de aprendizagem sérias, e eu não tive apoio para isso, para descobrir o que é que de fato eles tinham, pra daí eu começar a trabalhar com a questão de Maria (nome modificado), né? [...] Que eu não tive muito apoio, eu até conseguia alguns recursos e eu trabalhava com ela, mas eu não conseguia avançar, porque eu não sabia o que que tava acontecendo com ela, né? Eu não sei até hoje, de fato, o que é que aconteceu com ela[...]Mas, assim, os recursos foram esses daí, sabe? Trabalhar com leitura escrita, trabalhar com quebra-cabeça, que eu trabalhei alguns quebra-cabeças com eles, os jogos que eu trabalhava com eles nos intervalos, assim. Então, acho que isso ajudou, sabe? Porque eles fizeram esse trabalho em grupo também, porque eles tinham muita dificuldade de trabalhar de socializar, né? Então eu sempre procurava, apesar de ter problema, mas eu procurava fazer pra tentar resolver, né? Fazer com que eles se acostumassem a isso.

Percebemos que, até mesmo nesse momento, os professores podem não ter tido apoio suficiente para que algumas dificuldades fossem sanadas perante o momento vivido. Houve o projeto Aprova Brasil, pensando na Escola Arlete Magalhães, em que o objetivo teve como enfoque a melhora da defasagem, mas ao mesmo tempo, esse contexto nos leva a pensar se o enfoque era a melhora dos números para os documentos referenciais ou de fato a aprendizagem dos alunos. Percebemos também que, mais uma vez, a carga de trabalho para uma educação eficiente fica em sua maior parte com o professor que, por muitas das vezes, ainda pode ser culpabilizado caso não consiga vencer as metas estabelecidas pelas escolas ou até mesmo os pais dos alunos.

Com o advento da pandemia, o impacto na queda da aprendizagem foi enorme, o que se refletiu inclusive nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, não batendo a meta prevista para 2021, com uma diminuição do Ideb, que é calculado com base no aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação). A título de exemplo, o Ideb, desta etapa escolar em 2019, de 5.7 foi o resultado de 6.02 (aprendizado) multiplicado por 0.94 (aprovação). Em 2021, esses dois componentes foram, respectivamente, 5.64 e 0.97 que produziu um Ideb de 5.5. A queda da aprendizagem foi 6.02 para 5.64 (Ramos, 2022 *apud* INEP, 2021).

Sabemos que no Brasil, em tempos normais, já temos um déficit na aprendizagem causados por um contexto que vai da falta de materiais didáticos, as desigualdades socioeconômicas existentes, a falta de apoio do governo e em certas vezes também por causa de profissionais mal capacitados que não conseguem suprir as demandas dos alunos, ainda mais quando falamos em alfabetização e as suas competências de leitura, letramento e escrita, que acabam por ser um processo denso, tanto para alunos que estão a aprender um novo código, quanto para professores, justamente por terem que lidar com tantos aspectos alfabetizadores e

ainda ter que dar conta de outras disciplinas que constam nas grades escolares, e por isso, que para ser um alfabetizador, é preciso estar em constante aprendizado.

Percebe-se com clareza a maior dificuldade enfrentada pelas escolas situadas em estados das regiões Norte e Nordeste, bem como por outras espalhadas pelo País, as quais encararam limitações importantes na oferta de oportunidades aos estudantes para a continuidade do processo de ensino- aprendizagem no período pandêmico (Bof; Basso; Santos, 2022, p. 20).

Temos que relembrar que o governo baiano não apresentou um plano efetivo na época do período remoto, prejudicando ainda mais os estudantes, fazendo assim, com que os números fossem ainda mais negativos, no que diz respeito a todo o contexto educacional e pessoal na vida desses estudantes, já que a escola vai além de ser um ambiente que somente alfabetiza. Houve ainda a problemática de que o ensino remoto tinha que ser acompanhado pelos pais e, por não serem profissionais capacitados e por haver muitas dificuldades acerca dos problemas sociais, os alunos não tiveram um acompanhamento necessário da mesma forma. Segundo Bof, Basso e Santos (2022, p. 30):

Tendo em vista que a criança em fase de alfabetização não possui ainda a autonomia indispensável para a realização das atividades, necessitando de orientação, acompanhamento e estímulo de um adulto mediador, esse resultado indica que muitos estudantes/famílias podem ter apenas recebido materiais de forma avulsa, sem ter tido um direcionamento sobre como utilizá-los, o que pode comprometer a aprendizagem. Note-se que as escolas que não adotaram estratégias de treinamento, atendimento ou suporte aos pais das crianças estão mais concentradas na região Norte e em alguns estados do Nordeste.

Analisando os números do Saeb (2021, p. 18)¹⁹, vemos que houve um decréscimo de números entre os anos de 2019 e 2021, começando pelas proficiências médias em Língua Portuguesa e, analisando aqui o segundo ano do ensino fundamental, por estar mais perto da realidade que estamos abordando, em 2019 era de 750,0 pontos e em 2021, 725,5 pontos, tendo um decréscimo de 24,5 pontos médios.

Quando trazemos esse índice para a Bahia, temos um decréscimo ainda maior, já que em 2021, o estado não conseguiu alcançar a média nacional, ficando com 714,7 pontos, 10,8 pontos a menos. Isto é, sabendo de todo o contexto que se passou no Brasil e na Bahia, é compreensível que esse número seja abaixo da média.

¹⁹ Documento disponível em: https://download.inep.gov.br/institucional/apresentacao_saeb_ideb_2021.pdf

Trazendo os dados para a Escola Arlete Magalhães, pelo boletim do Saeb para o ano de 2021²⁰, que está disponível para consulta pública, temos um número ainda menor e mais preocupante. Em relação ao quinto ano do ensino fundamental (já que não consta o segundo ano do ensino fundamental, que é geralmente parte constituinte da pesquisa, e que seria ainda mais perto da classe que estamos abordando) temos a consciência que, caso o terceiro ano fosse analisado, os números seriam parecidos. A média de proficiência na escola é de 186,89 pontos, contra 212,43 pontos do ano de 2019, um decréscimo de 25,54 pontos. Ainda no boletim, vemos que em questão de nível de proficiência, o que mais se destaca é o nível três, dentre os nove que constam na escala do Saeb, sendo nível um o menor desempenho e o nível nove o maior.

Observamos assim, que os alunos baianos foram muito prejudicados por uma série de eventos que fizeram com que o estado tivesse baixos índices de aprendizado na pandemia, sendo preocupante, pois esses alunos podem nunca recuperar esse aprendizado que foi perdido. É preciso que as autoridades tomem medidas que visem mitigar essas faltas para que, no futuro, esses alunos possam ter uma aprendizagem adequada de acordo com o que é pedido até mesmo pelos documentos referenciais em educação.

4.5 A VOLTA ÀS AULAS PÓS-PANDEMIA

Em períodos normais, as escolas públicas entram em recesso mais ou menos durante o mesmo tempo aqui no Brasil, que no caso, acontece durante o período entre novembro/dezembro e fevereiro/março. Durante a pandemia, esse tempo foi expandido exponencialmente, além de que, não eram férias, e sim, isolamento social por causa de um vírus altamente contagioso e letal. Passado todos os percalços envolvendo o contexto educacional, as aulas presenciais voltaram a fazer parte das nossas vidas, fato esse que era muito esperado por todos. Porém, com isso, houve todo um contexto que envolvia os problemas deixados pela pandemia. Corroborando com esse pensamento, Oliveira, Gomes e Barcellos (2022, p. 3) nos diz:

Contudo, escolas fecham anualmente de forma planejada para as férias escolares, o que cria uma oportunidade para estudar esse efeito sobre o aprendizado. Em tese, durante esse período de dois a três meses de paralisação, ocorreria uma desaceleração, ou perda de aprendizado, obtido durante o período letivo.

²⁰ Documento disponível em: <http://saeb.inep.gov.br/saeb/resultado-final-externo/boletim?anoProjeto=2021&coEscola=29200407>

Segundo a diretora da Escola Arlete Magalhães, quando perguntada sobre os impactos da pandemia na alfabetização nesse período de volta às aulas, ela nos respondeu que:

O impacto foi muito grande, com muitos alunos que nem atividades impressas recebiam, sem nenhum contato com a escola. Diferente da escola Arlete, que utilizou novas tecnologias para essa mediação, além dos blocos de atividades mensais. Hoje ainda nos deparamos nas turmas com muitos educandos que estão tendo o segundo ano de ingresso na escola e contato com as aulas.

Sobre o bloco de atividades, sabemos que em muitos casos, não era suficiente para suprir as necessidades educacionais dos alunos, passando inclusive, a ser atividades sem um foco definido, já que quem tinha que aplicar eram os pais/responsáveis em casa, sem muito suporte ou formação necessária para tal ato. Segundo Pasqualin e Cordeiro (2024 p. 11):

O caderno também pode ser considerado um instrumento avaliativo, no qual o professor registra vistos diários ao final de cada atividade realizada pelo aluno, ao observar questões como o traçado das letras, a grafia correta das palavras, a organização e o capricho, entretanto essas observações durante o ensino remoto se tornaram praticamente impossíveis, pois o único contato se dava por meio da foto recebida pelo aplicativo WhatsApp. Os cadernos tornaram-se uma forma de manter um resquício das atividades consideradas escolares, uma vez que é o instrumento que mais representa o ensino escolarizado. Portanto, existiam a cópia, a confecção, o envio, mas não havia uma relação de ensino.

Para que os problemas educacionais desenvolvidos na pandemia sejam superados, é necessário que haja um bom retorno às aulas, no que diz respeito à recuperação lúdica e do letramento daquelas crianças em fase de alfabetização. É preciso pensar em estratégias que supram a necessidade de cada contexto, que deve ser visto pela equipe pedagógica de cada escola, de acordo com as necessidades de cada turma.

Diante do contexto educacional do país, as saídas mais solidamente fundamentadas na literatura incluem, em primeiro lugar, um diagnóstico dos alunos como base para a retomada dos programas de Ensino. E, a partir daí intervenções robustas e promissoras que incluem, do lado pedagógico, o Ensino estruturado, o uso de métodos adequados de alfabetização, o uso estratégico dos deveres de casa e de programas de leitura. O melhor uso do tempo consiste na redução do absenteísmo e, para os alunos com mais dificuldade, programas intensivos de tutoria em pequenos grupos (Oliveira; Gomes; Barcellos, 2022, p. 12).

Como já citamos, durante o período remoto, os pais/responsáveis tiveram que participar ativamente dos processos educacionais, para ao menos conseguir suprir certas necessidades, como o acompanhamento das aulas e atividades ou, no mínimo, fazer com que a criança tenha algum vínculo com a escola, apesar do contexto sempre incentivar o contrário. Questionada

sobre a participação dos pais/responsáveis neste volta às aulas, a professora regente da turma faz a seguinte análise:

Alguns pais [...] me davam muito suporte, né? Sempre interagi com todos, sempre tive contato com todos os pais dos meus alunos, então assim. Alguns me davam suporte [...] e perguntava, tem atividade? Qual é a página que a senhora passou, que eles anotaram, mas eu não tô vendo aqui, não tô enxergando, não consegui identificar e tal. E me ligavam e me mandavam mensagem, eu sempre respondendo. Mas tinha outros que nem apareciam, que eu nem sabia quem era. Foram raros, foram poucos, mas aconteceu também. Mas a maioria dos pais me davam suporte, eram presentes, questionadores, cobravam aos filhos a responsabilidade. Então a maioria era assim.

Vemos que mesmo após o intervalo de tempo em que os pais tiveram que agir como apoio do professor para seus filhos, a interação proveniente dessa situação ainda continua, visto que agora, com a vivência pós pandêmica, os responsáveis puderam ter mais consciência do trabalho do professor, contribuindo assim, para a colaboração em relação ao seu trabalho. A professora também foi questionada sobre o interesse dos estudantes mediante todo o contexto.

Olha só, eu tinha uma turma muito diferenciada, tinha alunos, que realmente você percebia que eles tinham interesse, eles colaboravam na sala de aula, eles interagiam, eles perguntavam, eles questionavam [...] mas já tinha aqueles outros alunos que não se interessavam muito por conta de problemas familiares, né, família estruturada e assim, a mãe não tinha tempo de estar apoiando [...] Então, assim, eu, mas de qualquer forma, eu costumo dizer que a maioria, a maioria dos alunos, dos meus alunos, eles foram, eles tiveram o interesse satisfatório pra mim. Eles tiveram o interesse satisfatório, porque assim, eu também estava, eu também cobrava. Então, assim, eles já iam despertando interesse por conta disso, né? Pela forma que eu era, assim, como eu sou, né? Professora rígida e digo, não, eu quero assim, vamos fazer, tem que fazer, que a gente tem que seguir essa linha e tal. E eles faziam, né? E deu certo.

Percebemos que, apesar dos percalços, a relação das crianças, nesse contexto, não mudou completamente, já as situações relatadas não foram fora do comum. É preciso se pensar na atuação dos professores e alunos daqui em diante, visto toda a conjuntura da alfabetização na pandemia, seus obstáculos e as deficiências deixadas por ela. É preciso superar as faltas para que os alunos possam ter um bom aprendizado no que diz respeito a aquilo que não foi suprido na pandemia.

5 A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E AS OBSERVAÇÕES: QUAIS AS CONSIDERAÇÕES?

O período da Residência Pedagógica teve duração de 11 meses, a participação na escola ocorria às sextas-feiras, em turma do 3º ano A, regida pela professora regente da turma. Primeiro nos foram apresentadas as crianças e os espaços da sala de aula, depois a professora, na sequência nos apresentamos como bolsistas estagiárias e conversarmos sobre a intenção de estamos naquele espaço escolar sendo a preceptora Julimar Lima quem nos mostrou todos os outros espaços no prédio²¹.

Ao longo das observações, pudemos ver na prática a real situação que abarcava a turma, tanto nas suas dificuldades, quanto nos seus compassos. Foi possível observar os diferentes níveis de alfabetização das crianças, sendo possível ver crianças já alfabetizadas, lendo e escrevendo de acordo com sua idade, quanto crianças que tinham dificuldades tanto para ler, quanto para interpretar e escrever. O que por um lado é compreensível, já que vieram de um período conturbado como a pandemia e, por causa disso, teve o seu desenvolvimento comprometido, assim como a falta de acompanhamento fez com que não só naquele tempo, mas até hoje, essas dificuldades ainda existam. Na entrevista feita para a pesquisa, perguntamos à professora da turma, quais as suas observações sobre as dificuldades causadas pela pandemia e que permanecem até hoje nos estudantes, ela nos respondeu:

As dificuldades, menina, foram várias, né? Assim, a primeira que eu percebi foi a questão dos alunos estarem on-line, e on-line a gente não tem o mesmo contato com o aluno, a gente não tem o mesmo desempenho, aqui presencialmente. Então, a primeira dificuldade que eu percebi foi essa. Inclusive, quando eu estava dando aula online, eu ficava naquela angústia, porque eu queria que eles aprendessem, eu queria mostrar como se eu tivesse presente, mas eu não conseguia fazer, porque as coisas eram muito limitadas. Então, eu tinha alunos que eu não tinha como trabalhar as letras do alfabeto, porque mesmo que agora foi terceiro, né? Então, eu acompanhei eles. Eu tinha essa dificuldade em querer trabalhar as letras alfabéticas, mas eu não tinha como, porque online era totalmente complicado. Tinha alunos que não tinham aparelho celular, não tinha como participar das aulas online, inclusive ficaram vários sem participar de várias aulas. Então, tudo isso causou muitos problemas, né? Por conta dessa questão deles não terem o acesso, então, causaram muitos problemas em relação à aprendizagem, né? Tiveram alunos também que aquela questão da adaptação à escola, ao ambiente escolar, ao ambiente da sala de aula também, eles não tiveram isso. Então, isso também foi uma grande dificuldade que eu tive para tentar resolver já, quando eu voltei, o presencial. Coisas que tinha que ser aprendido antes, eu tive que estar trabalhando tardiamente por conta da pandemia, né? Por conta do ensino online.

²¹ Nesse capítulo, as experiências serão relatadas no plural por causa das atividades feitas em dupla durante o Programa Residência Pedagógica.

Logo, a partir dessas observações, foi possível também, desenvolver um projeto que pudesse unir o mês da Consciência Negra que, coincidentemente, foi no mesmo período da prática, e que pudéssemos observar seu desenvolvimento no que diz respeito à alfabetização e letramento, além de está em contato com o tema do Subprojeto de Pedagogia, pelo Programa Residência Pedagógica: a *Alfabetização por meio do AfroLetramento*, sendo assim, todos os temas estavam se conectando entre si.

O projeto, no caso, foi uma sequência didática que abordava três manifestações culturais de origem afro-brasileira: o samba de roda, a capoeira e, por último, e por estar no contexto real do município, já que existe o bairro Monte Recôncavo ao lado da cidade, os povos quilombolas.

A primeira aula teve o samba de roda como tema, manifestação cultural muito comum do recôncavo baiano. Pensamos numa aula dinâmica, com vídeos e intervenções, para que eles pudessem ter um momento dinâmico, até porque era o combinado entre preceptora do programa e professora regente, onde trouxemos os vídeos sobre o assunto de forma que tudo o que foi passado fosse o mais dinâmico possível para que não perdêssemos rápido a atenção dos alunos. Felizmente deu certo e, em nosso questionário logo em seguida, eles responderam todas as perguntas, deixando nós, bolsistas, satisfeitas com o decorrer da aula.

Imagem 2 - Primeira regência, aula sobre samba de roda



Fonte: imagem da autora

A segunda aula foi sobre capoeira. Como a capoeira é algo que lida em sua maioria com o movimento, além dos vídeos sobre a história e seus tipos, também trouxemos uma aula em vídeo para que eles executassem alguns movimentos, o que fez com que todos participassem da aula por completo, sendo um momento bastante dinâmico e animado.

Imagem 3 - Segunda regência, aula sobre capoeira



Fonte: imagem da autora.

A terceira aula seria sobre os povos quilombolas, como já citado acima, em que exibimos um documentário sobre um livro que conta algumas histórias do Monte Recôncavo, comunidade quilombola que existe na cidade. O documentário foi escolhido por ter toda uma representatividade, que poderia ser passado aos alunos para que entendessem a importância de saber mais sobre as comunidades quilombolas. Infelizmente não foi possível aplicar a aula por causa de outros projetos escolares que apenas ficamos sabendo no dia em questão.

A professora regente, sabendo de todo o plano, nos falou que, inclusive, a história dos povos quilombolas também estava dentro da programação da escola, sendo assim, um indicativo de que estávamos no caminho correto.

O que mais nos chamou a atenção, e que nos fez refletir sobre a comunidade escolar daquele núcleo, é que em todos os momentos, os professores, coordenadores, assistentes administrativos e apoios, foram solícitos e nos ajudaram em tudo o que precisávamos, fazendo assim, com que sentíssemos mais à vontade em relação ao nosso trabalho e em nossa conexão com a turma. Foi de grande aprendizado entender todo o funcionamento e espaços na escola e também ter acesso a eles. Toda essa experiência contribuiu para a nossa formação tanto crítica, quanto profissional, no que diz respeito ao trabalho do professor pois é na prática que podemos pôr a nossa personalidade, singularidade e impressões na nossa profissão e, como Pimenta e Lima nos fala:

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer algo ou ação. A profissão do professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação,

reprodução, imitação e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons (Pimenta; Lima, 2012, p. 35).

É nesse contexto que podemos pensar sobre a importância da prática ainda na universidade e em como os programas que existem nela são agentes de formação em grande magnitude por dar ao aluno uma nova perspectiva antes de ir de fato para a regência.

Quanto à turma, como a professora mesmo nos expressou desde o primeiro momento, é um “mix de problemas”, visto todo o contexto desde os níveis de alfabetização já citados, os problemas pessoais de cada aluno, que influencia diretamente seu comportamento mediante os estudos e seus próprios colegas, e o comportamento da sala como um todo, que geralmente é bem agitado e não conseguem manter a concentração por muito tempo.

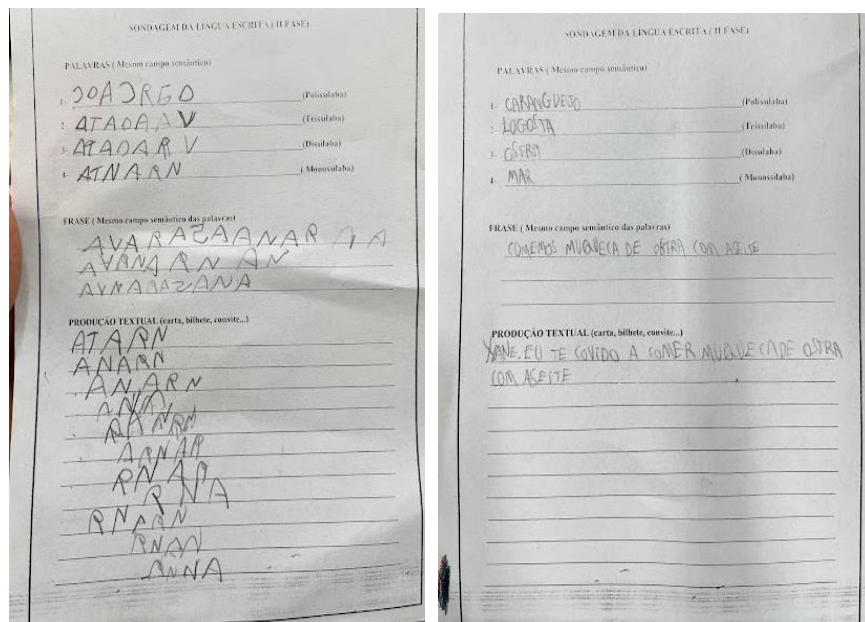
Foi um desafio ter que lidar com tantas demandas, mesmo que na observação, por se tratar de um contexto totalmente novo para nós, estudantes e, ao mesmo tempo, nos deu bagagem e conhecimento para as próximas experiências, sejam elas regendo ou observando uma sala de aula. A professora regente foi gentil e totalmente aberta com todos os aspectos que rondavam a turma, desde as suas dificuldades perante algumas questões pedagógicas, como a carência de ajuda com alunos que tinham dificuldades aparentes de aprendizagem, quanto a sua visão sobre os problemas pessoais dos alunos que, conseqüentemente também interferiram no desenvolvimento do aluno em classe.

Uma das coisas mais importantes que aconteceram nesse estágio foi justamente o comportamento da turma, pois, foi possível perceber como podemos lidar com uma quantidade de problemas a partir da percepção e do trabalho da professora, já que, como foi nossa primeira experiência no ensino fundamental, fica justificado que quanto mais contextos e situações possíveis absorvidas, melhor será toda a nossa análise e experiência diante de toda essa situação.

Quanto à alfabetização da turma, podemos observar que existiam vários níveis, sendo que alguns já estavam alfabetizados, outros ainda estavam em desenvolvimento da leitura ou escrita, ou até mesmo, em alguns casos, dificuldade de concentração e aprendizado. Perguntamos à professora se houve alguma diferença, olhando para um todo, de turmas de terceiro ano do ensino fundamental antes e depois da pandemia, e ela nos respondeu que sim, por causa de toda a dificuldade que houve sobre o ensino remoto:

O nível deles, terceiro ano na pandemia, foi um nível muito baixo de aprendizagem, né? Agora, quando voltaram, não subiu tanto porque ficou muita coisa pendente [...] Durante a pandemia, então, aqueles alunos que tiveram algum contato com a aula online, realmente tiveram um desempenho melhor. E tinha os alunos também que os pais faziam em casa. Os pais ajudavam em casa, os pais faziam atividades em casa. Então, esses alunos eu consegui botar no ritmo, mas os outros não. Mas, mesmo

Imagens 5 - Atividade de sondagem da língua escrita



Fonte: imagem da autora.

Vemos três aspectos que são trabalhados em sequência: palavra, frase e produção textual. Essa atividade foi enviada para a Secretaria de Educação -SEDUC- para análise. Acreditamos que seja para avaliar tanto a alfabetização das crianças, quanto a avaliação da escola e dos professores. Junto com esse aspecto, percebemos que toda a atividade está condizente com a proposta do Aprova Brasil, que procura justamente reforçar esses assuntos para que as crianças consigam alcançar as metas propostas pela BNCC para sua idade e série.

Sendo assim, diante de todo esse contexto, analisamos que há todo um alinhamento do macro (SEDUC) para o micro (professora), pelo menos no terceiro ano A, onde fizemos a parte prática do programa, para que os planos e metas feitas pelos professores e coordenadores estivessem em consonância com o que seria passado em sala de aula e em como as crianças conseguiriam vencer todo o plano proposto, apesar das dificuldades de cada um. Sobre como a professora avaliaria a turma no final do ano, ela nos respondeu:

[...] Eu fiquei satisfeita com a minha turma. Eu fiquei satisfeita. Claro que tinha coisas que ficaram pendentes, mas eu não pude resolver tudo de uma vez só. Porque são coisas que, como a gente já falou aí de pandemia, tem coisas que vêm lá de trás. Esses meninos que estão testemunhando agora, eles fizeram o pré-escolar em casa. [...] Eles não tiveram muita base, então assim, o que eu consegui, no final do ano, foi uma vitória. Foi uma vitória, né, pra mim. Então, assim, eu fiquei feliz com tudo isso [...]

Em vista disso, podemos considerar que, apesar de todo o contexto que envolve as dificuldades vindas da pandemia, as falhas e faltas que podem ter vindo do município, a ajuda

ou não vinda da coordenação escolar e o esforço dos alunos e professores, que ao menos até o fim do ano, uma parcela da turma conseguiu progredir e acompanhar o que lhe era proposto em sala de aula e, ao mesmo tempo, alguns alunos ainda precisam de reforço para conseguir alcançar tais metas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de senso comum que o período pandêmico foi um momento difícil na vida de todos. Para a educação, foi um momento cansativo, trabalhoso e complicado, tanto para alunos, quanto mais para professores que tiveram que se reinventar para conseguir acompanhar todas as mudanças e suprir as necessidades que o momento lhe implicava. Percebemos, através dos caminhos pesquisados, que o professor foi um dos mais afetados pela falta de apoio dado tanto pelo governo local, quanto pelas escolas, além de ter que lidar com o excesso de cobranças, visto que tinham que planejar e aplicar aulas online e ainda submeter atividades para avaliação, tendo em vista que quem iria aplicá-las seriam os pais/responsáveis dos alunos.

Em segundo lugar, os alunos tiveram sua vida escolar afetada por completo, ainda mais quando pensamos em alfabetização. Muitos não tinham materiais necessários para acompanhar as aulas, ou até mesmo não tinham uma pessoa que o ajudasse a cumprir com suas atividades escolares, ficando assim, sem apoio e não alcançando as metas determinadas para a idade. A pandemia também deixou as desigualdades em evidência, tanto pelos motivos já citados, quanto pelo cenário da dicotomia entre escolas públicas e particulares.

Muitos alunos, mesmo após o período pandêmico, ainda sofrem com as dificuldades não recuperadas do momento, fazendo com que os professores tivessem que criar estratégias para a recuperação da aprendizagem e, mais uma vez, com sobrecarga de trabalho por conta da falta de apoio pedagógico.

Trazendo a reflexão para o contexto da pesquisa, vimos que a Escola Arlete Magalhães também se encaixa no contexto da falta de apoio pedagógico por causa dos recursos que o município não ofertou, deixando assim, a professora regente da turma observada sobrecarregada com as produções para as aulas, além de deixar o trabalho da mesma sem conexão alguma com os outros professores, já que todos desenvolveram o trabalho a sua maneira, perante todas as dificuldades, o que impactou também a turma pós-pandemia.

Voltando os olhares para o cenário do Programa Residência Pedagógica, percebemos a magnitude que ele tem por impulsionar o início da carreira de um estudante de pedagogia, como

demonstramos no transcorrer desta monografia. O programa fez com que tivéssemos um olhar crítico sobre os processos educacionais e, além disso, nos oferece a observação por um tempo maior do que os estágios da universidade, e a regência, por meio do contexto da *Alfabetização por meio do AfroLetramento*, permitindo aos estudantes da Unilab que exercitem o que temos aprendido em todo o nosso processo de formação universitária, que é uma educação antirracista e, em todos esses momentos, tivemos um acompanhamento que foi desde a professora regente, até a preceptora e às coordenadoras.

Quando analisamos os objetivos propostos para essa pesquisa, percebemos que a relação entre pandemia e alfabetização se deu, em suma, por causa da falta de apoio à comunidade escolar, por meio dos governos federais e municipais, que com má administração, não conseguiu atender as necessidades do momento, fazendo com que o período pandêmico e o pós, fossem difíceis para todos. Quando pensamos na Escola Arlete Magalhães, mesmo com o projeto Aprova Brasil imposto pela prefeitura, não houve um apoio para a recuperação do processo de alfabetização e letramento dessas crianças. Para os próximos anos, a secretaria de educação poderia ter como enfoque uma pesquisa para a recuperação lúdica, de forma a mitigar esses efeitos acerca da aprendizagem dos estudantes do município.

Com a pesquisa, conseguimos criar um panorama para entender melhor o contexto relatado, alcançando uma compreensão sobre diversos ângulos dos efeitos e consequências do período pandêmico nos contextos educacionais, sempre tendo em vista, o programa Residência Pedagógica e a experiência vivenciada.

Para minha formação enquanto estudante e futura professora, todo esse processo, além de ser intenso, foi bastante agregador em vários sentidos: tanto como estudante, por estar em um programa que amplia o nosso campo de visão sobre a alfabetização, justamente por seu tema ser afrocentrado e nos mostrar uma regência diferente daquela que vemos normalmente e pela experiência no chão da escola, onde ficamos meses acompanhando o andamento do calendário escolar; e como profissional, poder fazer parte, mesmo que por alguns meses, do funcionamento da escola como um todo, além de poder exercer e praticar a regência com a turma em que ficamos na observação, tudo isso com o acompanhamento de profissionais da escola e da universidade, o que nos dá segurança para o início da prática em nossa profissão, fez com que toda essa vivência desse uma nova visão para aquilo que vemos na teoria, nos capacitando ainda mais para quando formos de fato reger uma sala de aula.

O fato da pesquisa ter se alinhado ao programa também fez com que aprofundássemos ainda mais o assunto no que toca a alfabetização e aquilo que presenciamos em sala de aula, no que diz respeito aos impactos da pandemia e o trabalho do professor, mediante todos os

percalços que existiram naquele momento. Pude acompanhar de perto toda a sua angústia e trabalho com o enfoque na nivelção dentre todas as dificuldades existentes naquela turma.

Foi de suma importância também, termos a participação da professora regente, e da diretora da escola, para que pudéssemos analisar também a versão das pessoas que vivenciaram toda a situação relatada. Para os próximos anos, devemos persistir na recuperação lúdica e cobrar das autoridades mais apoio aos alunos e professores.

REFERÊNCIAS

- BARBERIA, Lorena G.; CANTARELLI, LUIZ G. R.; SCHMALZ, Henrique de Santana. *Uma avaliação dos programas de educação pública remota dos estados e capitais brasileiros durante a pandemia do COVID-19*. As Políticas de Ensino à Distância no Brasil. São Paulo, 2021
- BOF, Alvana Maria; BASSO, Flavia Viana; SANTOS, Robson dos. Impactos da pandemia na alfabetização das crianças brasileiras. *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*, volume 7, 2022.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa-no-ensino-fundamental-anos-iniciais-praticas-de-linguagem-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>. Acesso em: 24/04/2024.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Inep. *Matrizes e escalas*. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/matriz-de-referencia-de-linguagens_BNCC.pdf. Acesso em: 23/04/2024.
- BRASIL, Conselho Nacional da Educação. *Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192.
- CIPRIANI, Flávia Marcele; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CARIUS, Ana Carolina. Atuação Docente na Educação Básica em Tempo de Pandemia. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 2021, v. 46, n. 2.
- COSTA, Elisangela André da Silva. *Programa Residência Pedagógica - Aproximações iniciais com o PRP - Unilab*. Redenção: Unilab, 2022.
- DIAS, Érika; RAMOS, Mozart Neves. A Educação e os impactos da Covid-19 nas aprendizagens escolares. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v.30, n.117, p. 859-870, out./dez. 2022.
- FONSECA, Monik Alves. *Programa Residência Pedagógica: perspectivas de afroletramento em contexto pandêmico*. Unilab, São Francisco do Conde, 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3):621-626, 2012.
- MOURA, Lucinéia Lima de. *Os desafios da alfabetização e o ensino remoto no contexto da pandemia do Covid - 19*. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. São Francisco do Conde, 2021.
- NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. *Democracia, Escola e Mudança Digital: Desafios da Contemporaneidade*, volume 42. Campinas, 2021.

PASQUALIN, Jiseli De Fátima Oliveira; CORDEIRO, Aliciene Fusca Machado. Sentidos dos cadernos em tempos de pandemia: com a palavra, as crianças e a professora. *Educação Em Foco*, 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2012.

PIRES, Flávia Ferreira; CARNEIRO, Rosamaria Giatti; SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. Covid-19, escolas e infâncias no Brasil: controvérsias científicas, políticas e emocionais em cena. *Revista Brasileira de Educação*, v. 27, 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SÃO FRANCISCO DO CONDE. *Prefeitura realiza implantação do Projeto Aprova Brasil na Rede Municipal de Ensino*. Acesso em: 23/04/2024.

TOLEDO, Karina. Coronavírus tinha se espalhado pelo Brasil antes das medidas de contenção. *Veja Saúde*, 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-tinha-se-espalhado-pelo-brasil-antes-das-medidas-de-contencao>. Acesso em: 02/04/2024.

UNILAB. *Edital Nº 13 / 2023, Seleção De Estudantes Para Bolsas No Programa Residência Pedagógica*. Redenção, 2023. Disponível em: https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2023/04/Edital-No13_2023_Selecao-de-Estudantes_PRP.pdf.

SOLUÇÕES MODERNAS. *Conhecendo o Aprova Brasil*. Youtube, 10/09/2021. Acesso em: 23/04/2024